



CAMILO
JOSE
CELA

**Pascual
Duarte**

A FAMILIA DE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CAMILO JOSÉ CELA

(1916-2002)

A Família de Pascual Duarte

(1942)

Camilo José Cela
A Família de Pascual Duarte
Tradução de Tomaz Ribas
Círculo de Leitores
Título Original: La Familia de Pascual Duarte
José Cela, 1942
Impresso e encadernado por Printer Portuguesa para
Círculo de Leitores
Junho de 1990
Número de edição: 2793
Depósito legal número: 33 711/90
ISBN 972-42— 0047-7
Aos meus inimigos, que tanto me ajudaram na minha carreira.

NOTA DO TRANSCRITOR

Parece-me ter chegado a ocasião de publicar as memórias de Pascual Duarte. Tê-lo feito antes teria sido, talvez, um pouco precipitado; não desejei apressar a sua preparação porque todas as coisas requerem o seu tempo, sobretudo a correção da má ortografia de um manuscrito e ainda porque uma obra apressada nunca é inteiramente boa, ou melhor, é sempre um pouco mal albardada. Publicá-las mais tarde não teria, para mim, nenhuma justificação; as coisas devem mostrar-se uma vez acabadas.

Encontradas por mim as páginas que a seguir transcrevo, em meados do ano de 1939, numa farmácia de Almendralejo — e só Deus sabe Que mãos desconhecidas ali as deixaram — fui-me entretendo, de então para cá, a traduzi-las e a ordená-las, uma vez que o manuscrito — em parte devido à má letra, em parte porque encontrei as folhas sem numeração e desordenadas — era pouco menos que ilegível.

Desejo expressar aqui, desde já, que na obra que hoje apresento ao leitor curioso apenas me pertence a transcrição; não corriji nem acrescentei sequer um til porque quis respeitar inteiramente a narração até no seu próprio estilo. Preferi, em algumas passagens demasiado cruéis desta obra, usar a tesoura e cortar pela raiz; esta minha atitude priva, evidentemente, o leitor de conhecer alguns pequenos pormenores — que nada perde em ignorar — ; mas, em contrapartida, tem a vantagem de evitar que a vista recaia em intimidades demasiado repugnantes, para as quais — repito -me pareceu mais conveniente a poda do que o arranjo. A personagem, segundo o meu modo de ver as coisas, e talvez seja essa a única razão por que a trago à luz, é um modelo de comportamento; não um modelo para imitar mas para ouvir; um modelo perante o qual apenas se pode dizer: — Vês o que faz? Pois faz o contrário do que devia. Mas deixemos o próprio Pascual Duarte falar, que e quem tem coisas interessantes para nos contar.

CARTA ANUNCIANDO O ENVIO DO ORIGINAL

Senhor D. Joaquim Barrera López Mérida

Prezado Senhor

Perdoar-me-á Vossa Senhoria que lhe envie esta enorme narrativa acompanhada desta carta, também demasiado grande, mas como dos amigos de D.

Jesus González de la Riva (que Deus lhe tenha perdoado como certamente ele me perdoou a mim) é Vossa Senhoria o único de cuja morada me recordo, a Vossa Senhoria quero dirigir-me para me livrar da companhia destas folhas, que me queimam só de pensar que as pude escrever, e para evitar que as destrua num momento de tristeza, dos muitos que Deus me tem dado presentemente, e dessa maneira prive alguém de aprender o que eu não aprendi senão quando era já tarde demais.

Vou explicar-me melhor. Como desgraçadamente bem sei que a recordação da minha pessoa é mais maldita do que qualquer outra coisa e como quero descarregar, pelo menos no que possa, a minha consciência com esta confissão pública, que já não é pequena penitência, decidi-me a contar aquilo que da minha vida ainda me lembra. A memória nunca foi o meu forte; por isso sei que é muito provável que me tenha esquecido de muitas coisas com interesse, mas apesar de tudo meti-me a contar o que me não sai da cabeça e que a mão não resistiu a deixar de traçar sobre o papel, porque outras coisas houve que, ao tentar contá-las, me fizeram sentir grandes safanões na alma, de tal maneira que preferi calar-me e esquecê-las. Ao começar a escrever esta espécie de memórias, ia dando conta de que alguma coisa havia na minha vida — a minha morte que Deus queira abreviar — que de nenhum modo eu poderia contar; cogitei muito neste assunto e, para o pouco tempo de vida que me resta, poderia jurar-lhe que em mais de uma ocasião julguei desfalecer quando a inteligência não me dizia onde deveria eu pôr um ponto final. Pensei que o melhor seria começar a deixar o fim para quando Deus desejasse abandonar-me, e assim o fiz; hoje, que me parece estar já aborrecido dos centos de folhas que enchi com o meu palavreado, suspendo definitivamente a minha escrita para deixar à sua imaginação a reconstrução do que ainda me resta de vida, reconstrução que não vai ser difícil porque bem creio que entre estas quatro paredes já nada de novo me acontecerá.

Quando comecei a escrever o que hoje lhe envio atemorizava-me a ideia de que, por essa altura, já alguém soubesse se eu poderia chegar ao fim ou não, ou onde deveria acabar se o tempo que gastei tivesse sido mal calculado; e essa certeza de que os meus atos haviam de ser, forçosamente, traçados por caminhos já previstos, era qualquer coisa que me tirava o juízo. Hoje, mais perto já da outra vida, estava mais resignado. Que Deus tenha sido servido de me perdoar.

Noto certo descanso depois de ter contado tudo o que passei e há momentos em que até a consciência me parece mais leve.

Confio que Vossa Senhoria saberá compreender o que não posso dizer melhor porque melhor não o sei dizer. Agora estou arrependido de ter errado o meu caminho, mas já nem peço perdão. Para quê? Talvez seja melhor que me façam o que

ficou estipulado porque é mais do que provável que se não o fizessem voltaria às minhas andanças. Não quero pedir o indulto porque foi muito o mal que a vida me ensinou e é muita a minha fraqueza para resistir ao instinto. Faça-se o que está escrito no livro dos Céus.

Receba, senhor D. Joaquim, com este maço de folhas escritas, as minhas desculpas por me ter dirigido a Vossa Senhoria e aceite este pedido de perdão que lhe envia, como se fosse o próprio D. Jesus, o seu servidor humilde

PASCUAL DUARTE

Cárcere de Badajoz, Fevereiro de 1937



CLÁUSULA DO TESTAMENTO OUTORGADO

DOM JOAQUIM BARRERA LÓPEZ QUE POR TER MORRIDO SEM DESCENDÊNCIA LEGOU OS SEUS BENS ÀS MONJAS DO SERVIÇO DOMÉSTICO

Quarto: Ordeno que o maço de papéis que está na gaveta da minha mesa de trabalho, atado com um fio, e com um rótulo a lápis vermelho dizendo “Pascual Duarte”, seja queimado sem ser lido e sem demora, por ser dissolvente e contrário aos bons costumes. Porém, se a Providência fizer com que, sem o intermédio de alguém, o referido maço se livre da pena que lhe dou, ordeno a quem o encontre que o livre da destruição, o tome como sua propriedade e disponha dele segundo a sua vontade, se acaso não estiver em desacordo com a minha.

Feito em Mérida (Badajoz) e à hora da morte, a 11 de maio de 1937.



À memória do insigne conterrâneo Dom Jesus González de la Riva, conde de Torremejía, que no momento em que o autor desta narrativa o ia matar, lhe

sorria e lhe chamava Pascualzinho.

P. D.

Eu, senhor, não sou mau, embora não me faltassem motivos para ser. Quais somos, todos os mortais, ao nascermos e no entanto, conforme vamos crescendo, o destino se compraz em nos modificar como se fôssemos de cera e em nos destinar por caminhos diferentes, ao mesmo fim: a morte. Há homens a quem é ordenado seguirem pelo caminho das flores, e homens a quem lhes destinam o caminho dos cardos e das urtigas. Os primeiros gozam de um olhar sereno e ao aroma da sua felicidade sorriem com cara de inocente; os outros sofrem o sol violento da planície e arreganham os dentes como os animais quando se defendem. Há muita diferença entre o tratar a pele com cheiros e perfumes e o tratá-la com tatuagens que ninguém poderá fazer desaparecer depois.

Nasci há já muitos anos — pelo menos há cinquenta e cinco — numa vila perdida na província de Badajoz; a vila ficava a umas duas léguas de Almendralejo, acachapada ao lado de uma estrada lisa e longa como um dia sem pão, lisa e longa — de uma lisura e de um comprimento como Vossa Senhoria, por sua sorte, nem sequer pode supor — como os dias de um condenado à morte.

Era uma vila sufocante e batida pelo sol, rica de olivais e porcos (com sua licença), com as casas tão caiadas de branco que ainda me dói a vista só de as recordar, com uma praça toda empedrada e com uma linda fonte de três bicas no meio da praça. Quando saí da minha terra havia já alguns anos que não corria água da fonte; no entanto, que airosa!, que elegante! nos parecia a todos nós aquela fonte no cimo da qual se via um menino nu envolvido de conchas como as dos romeiros. Na praça ficava a Câmara Municipal que era grande e quadrada como uma caixa de tabaco, com uma torre ao meio e na torre via-se um relógio, branco como se fosse uma hóstia, sempre parado nas nove como se o povo não precisasse dos seus serviços mas apenas do seu adorno. Na vila havia, como é natural, casas boas e casas más, que são, como acontece em todos os sítios, as que mais abundam; havia uma, de dois andares, a de D. Jesus, que dava gosto ver, com o seu pátio coberto de azulejos e plantas. D. Jesus sempre gostara de flores e tinha ordenado à ama para que vigiasse os gerânios, os girassóis, as palmas e as malvas-rosas com tanto carinho como se fossem filhos, porque a velha andava sempre com um sacho na mão a esgaravatar os canteiros regando-os com tal mimo que, não havia dúvidas, os ramos lhe agradeciam tal era a sua

louçania e verdor. A casa de D. Jesus também ficava na praça e, coisa estranha para a fortuna do dono que não olhava a despesas, diferenciava-se de todas as outras casas não só pelo que já disse mas sobretudo por uma coisa em que as outras lhe levavam a melhor: na fachada, que tinha a cor da pedra tosca, como na casa dos pobres e que tão ordinário aspecto dá às casas. Mas D. Jesus lá teria as suas razões. Sobre a porta principal havia uma pedra com o brasão, de muito valor segundo dizem, onde se viam duas cabeças de guerreiros antigos, com elmo e plumas, uma olhando para o Levante e a outra para o Poente, como se estivessem a vigiar o que de um lado ou outro poderia surgir. Por detrás da praça e da casa de D. Jesus ficava a paroquial com o seu campanário de pedra e o seu sino que tocava de uma maneira que eu nem sei descrever, mas que recordo como se andasse sonhando por aquelas esquinas. A torre do campanário era da mesma altura que a do relógio e no Verão, quando as cegonhas chegavam, já sabiam em que torre tinham estado no ano anterior; a cegonha coxinha, que ainda aguentou dois invernos, pertencia ao ninho da torre da igreja e caiu dela abaixo quando se assustou com a presença do gavião.

A minha casa ficava fora da vila, bem a uns duzentos passos das últimas casas da estrada. Era pequena e só de um piso, como correspondia à minha posição, mas como cheguei a dedicar-lhe muita amizade, havia épocas em que me sentia orgulhoso de a possuir. Verdadeiramente a única parte da casa que se podia ver era a cozinha, a primeira divisão que se encontrava logo à entrada, sempre limpa e muito caiada; é certo que o chão era de terra, mas tinha-a tão bem calçetada com as suas pedrinhas formando desenhos que ela não ficava atrás das outras cujos donos as haviam coberto de mosaico para as tornarem mais modernas. A chaminé era ampla e quase vazia e, ao lado da lareira, tínhamos uma prateleira com loiças, jarras pintadas de azul, pratos com desenhos azuis e cor-de-laranja; alguns pratos tinham uma cara pintada, outros uma flor, um nome ou um peixe. Nas paredes tínhamos várias coisas: um lindo calendário onde se via uma rapariga a abanar-se sentada num barco sob o qual se lia em letras que pareciam de prata <<Modesto Rodriguez. Tabacos Finos. Mérida (Badajoz)>>, um retrato de Espartero com o traje de luzes e mais três ou quatro retratos de não sei quem, porque sempre os vi no mesmo sítio e nunca me passou pela cabeça perguntar de quem eram. Também tínhamos um relógio despertador pendurado na parede, que não é para me dar ares, mas sempre funcionou como Deus manda, e uma almofadinha de veludo

onde estavam espetados uns lindos alfinetes com a cabeça em vidro de cor. Os móveis da cozinha eram tão escassos como simples: três cadeiras — uma delas muito boa, com as costas e as pernas em madeira trabalhada e o assento em couro — e uma mesa de pinho, com um gavetão correspondente, que era um pouco baixa para as cadeiras mas sempre ia servindo. Estava-se bem na cozinha; era cômoda e no Verão, como não acendíamos o lume ali, era muito fresco sentar-me na pedra da chaminé, quando, ao cair da tarde; abríamos as portas de par em par; no Inverno aquecíamos-nos ao calor das brasas que às vezes, se se tinha o devido cuidado, davam calor toda a noite. Era engraçado olhar para as nossas sombras na parede, quando havia labaredas! Iam e vinham, às vezes devagar, outras vezes aos saltos como se andassem a brincar. Recordo-me de que em pequeno eu tinha medo das sombras e ainda hoje sinto um estremecimento quando me lembro desse medo.

O resto da casa não merece uma descrição, tão vulgar era. Havia mais dois quartos, se acaso se lhes pode chamar quartos, e um estábulo, que ainda hoje não sei porque lhe chamávamos assim, tão vazio estava. Num dos quartos dormia eu com minha mulher e no outro dormiam os meus pais até que Deus, ou quem sabe se o diabo, os levou; depois ficara quase sempre vazio, a princípio porque não havia quem o ocupasse e, mais tarde, quando poderia haver alguém que lá dormisse, porque esse alguém preferiu sempre a cozinha que, além de ser mais clara, não tinha correntes de ar. Quando vinha a casa, minha irmã dormia sempre nesse quarto e mais tarde, os filhos, quando os teve, também iam para lá quando se separavam da mãe. A verdade é que a casa não estava lá muito limpa nem era muito bem construída, mas também não havia razão para a gente se queixar; podia-se viver ali, e isso era o principal, a salvo dos frios do Natal e do calor asfíxiante de Agosto, o que aliás bem merecíamos. O estábulo era o pior; era lóbrego e escuro e as paredes estavam empestadas do mesmo cheiro a animais mortos tal como no despenhadeiro quando aí pelo mês de Maio os cadáveres começavam a criar a podridão que os corvos haviam de comer. É estranho, mas desde criança que, se me privavam desse cheiro, começava a sentir uma angústia de morte; ainda me lembro daquele dia em que fui à cidade por causa das fazendas; andei todo o santo dia a cheirar o ar como se fosse um cão de caça. Quando me fui deitar, na estalagem, cheirei as minhas calças de bombazina. O sangue aqueceu-me todo o corpo. Pus de lado a almofada e apoiei a cabeça para dormir sobre as calças dobradas. Dormi

como uma pedra durante toda a noite.

No estábulo tínhamos um burro ruim e magricela que nos ajudava na lida e, quando as coisas corriam bem, o que para ser verdadeiro nem sempre acontecia, possuíamos também dois ou três porcos (com sua licença). Nas traseiras da casa tínhamos um curral, que não era lá muito grande mas que nos fazia o seu serviço, e um poço, que acabou por secar, onde havia uma água muito salobra.

Por trás do curral passava um regato, às vezes meio seco, sujo e fétido como um bando de ciganos e do qual se podia tirar uma água muito gordurenta e boa para regas, o que eu costumava fazer quanto tinha tempo. Minha mulher, que apesar de tudo tinha graça, costumava dizer que as águas eram gordas porque comiam o mesmo que D. Jesus, mas um dia depois.

Quando me dava para pescar, as horas passavam sem eu as sentir, de tal maneira que quando levava para casa os barbos pescados era já de noite; lá ao fundo, como se fosse uma tartaruga baixa e grande, ou uma cobra enroscada com medo de que a tirassem do chão, Almendralejo começava a acender as suas luzes eléctricas. Os habitantes ignoravam certamente que eu tinha estado a pescar e que nesse mesmo momento estava dali a ver como se acendiam as luzes das suas casas e pensando até como muitos deles diziam coisas que eu imaginava ou falavam de coisas que me ocorriam. Os habitantes das cidades vivem de costas voltadas para a verdade e nem sequer dão conta de que a duas léguas, no meio da planície, um homem do campo se distrai a pensar neles enquanto puxa a cana de pescar ou levanta do chão um cesto com seis ou sete enguias dentro! Apesar de tudo, a pesca sempre me pareceu um passatempo pouco próprio para homens e, por isso, a maior parte das vezes gastava o meu tempo de ócio na caça; na vila ganhei fama de não ser mau caçador e, modéstia à parte, serei sincero se disser que havia razão para essa fama. Tinha uma cadela perdigueira — a Ghispa — meio ruim, meio bravia, mas que se entendia muito bem comigo; levava-a muitas vezes quando de manhã ia até a Charca, a légua e meia da vila, para os lados da raia de Portugal, e nunca voltávamos para casa de mãos vazias. No regresso, a cadela se adiantava e esperava por mim junto do cruzeiro; havia ali uma pedra redonda e achatada, como uma cadeira baixa e de que guardo uma recordação tão grata como se fosse de uma pessoa; melhor, seguramente, do que de muitas pessoas que conheci. Era uma pedra ampla e polida; quando me sentava nela, o traseiro (com sua licença) ficava-me tão acomodado que nem me

apetecia levantar-me dali; passava grandes bocados sentado sobre aquela pedra do cruzeiro, assobiando, com a espingarda entre as pernas, olhando o que havia para ver, fumando cigarros atrás de cigarros. A cadelita, sentava-se à minha frente, agachada sobre as patas traseiras e olhava-me, com a cabeça de lado, com os seus olhinhos castanhos muito espertos; eu começava a falar-lhe e ela, como se quisesse entender-me melhor, levantava um pouco as orelhas; quando me calava, ela aproveitava para correr atrás dos gafanhotos ou simplesmente para mudar de posição. Quando me ia embora, sem saber por que razão, havia sempre de voltar a cabeça para a pedra, como que para me despedir, e houve um dia em que ela me pareceu tão triste por eu a abandonar que não tive outro remédio se não voltar para trás e tornar a sentar-me. A cadela tornou a sentar-se na minha frente a olhar para mim; só agora dou conta de que o bicho tinha o olhar dos confesores, perscrutador e frio, como, segundo dizem, os olhos dos lince. Um tremor me percorreu todo o corpo; parecia que uma corrente me apertava os braços. O cigarro tinha apagado; a espingarda, de um cano só, deixava-se acariciar, lentamente, entre as minhas pernas. A cadela continuava a olhar-me, fixamente, como se nunca me tivesse visto, como se de um momento para o outro me tornasse o culpado de qualquer coisa e o seu olhar aquecia-me o sangue nas veias de tal maneira que me parecia ter chegado o momento em que ela me ia julgar; fazia calor, um tremendo calor, e os meus olhos continuavam dominados pelo olhar agudo do animal.

Agarrei na espingarda e disparei; tornei a carregar e voltei a disparar. A cadela tinha um sangue escuro e pegajoso que corria pouco a pouco sobre a terra.

Não são lá muito boas as recordações que guardo da minha meninice. Meu pai chamava-se Estêvão Duarte Diniz e era português, e já quarentão quando eu era ainda pequeno, e alto e gordo como um monte. Tinha a pele tostada e um belo bigode negro com as pontas descaídas.

Segundo contam, quando ele era novo usava as guias frisadas; mas desde que esteve na prisão, esmoreceu-lhe a arrogância, abrandou-se-lhe a força do bigode e assim descaído o usou até a sepultura. Eu tinha-lhe muito respeito e até certo medo e sempre que podia fugia dele e procurava não o encontrar; era áspero e brusco e não tolerava que o contradissem em nada, mania que eu respeitava pela conta em que o tinha. Quando se enfurecia, o que acontecia com maior frequência do que era preciso, espancava-me a mim e à minha mãe por qualquer coisa, pancadas que, a minha mãe procurava devolver-lhe para se defender; mas a mim apenas me restava resignar-me em virtude da minha pouca idade. As carnes são muito tenras quando se é novo! Nunca me atrevi a perguntar, nem a ele nem a minha mãe, quanto tempo o tiveram preso, porque pensei que seria mais prudente não me meter na dança, já que ambos dançavam mais do que era conveniente; claro que realmente não precisava de perguntar nada porque, como nunca faltam almas caridosas, sobretudo nas terras de tão pouca gente, houve alguém a quem não faltou o tempo para me contar tudo. Prenderam-no por contrabandista; pelos vistos, este havia sido o seu ofício durante muitos anos, mas como o cântaro tantas vezes vai à fonte que acaba por se quebrar e como não há ofício sem ossos, nem atalho sem trabalho, um belo dia, quando menos pensava — que a confiança em si próprios é o que perde os valentes — os carabineiros seguiram-no, descobriram-lhe o esconderijo e meteram-no na cadeia. Isto devia ter-se passado havia muito tempo porque eu não me lembro de nada; talvez até ainda não tivesse nascido.

Minha mãe, ao contrário de meu pai, não era forte, embora tivesse boa estatura; era ossuda e magra e não tinha aspecto de boa saúde; pelo contrário, tinha a tez cor de cera, olheiras fundas e parecia tísica ou não andar muito longe disso; era, também, desabrida e violenta; tinha um gênio levado dos diabos e uma linguagem que Deus lhe perdoe, porque blasfemava a torto e a direito e por dá cá aquela palha. Andava sempre vestida de preto e, para dizer a verdade, não era lá muito amiga da água;

gostava tão pouco de água que durante toda a sua vida só a vi lavar-se um dia em que o meu pai lhe chamou bêbeda e ela quis assim demonstrar-lhe que a água não lhe metia medo. Em compensação, o vinho não lhe desagradava tanto e sempre que conseguia apanhar algumas moedas, ou que rebuscava a jaleca do marido, mandava-me à taberna buscar uma garrafa que escondia debaixo da cama para que o meu pai não lha encontrasse. Tinha um buço grisalho aos cantos da boca e uma cabeleira emaranhada e rala que enrolava num carrapito, não muito grande, no alto da cabeça. Em volta da boca viam-se cicatrizes ou sinais, pequenos e rosados como se fossem pintas que, segundo creio, ficaram de alguma doença que tivera quando era nova; às vezes, no verão, esses sinais ficavam mais vivos, mais vermelhos e acabavam por criar pus, até que no outono começavam a secar e acabavam por desaparecer no Inverno.

Os meus pais davam-se mal; à sua educação unia-se a escassez de virtudes e a pouca resignação com aquilo que Deus lhes dava — defeitos que, para minha desgraça, herdei — e isto fazia com que cuidassem bem pouco de melhorar os seus princípios e de refrear os seus instintos, o que dava lugar a que, por qualquer ninharia, desabasse uma tal tormenta que se prolongava dias e dias. Em geral eu não tomava partido por nenhum, porque, para dizer a verdade, tanto se me dava que a razão estivesse de um lado como do outro; às vezes, alegrava-me por ser o meu pai a bater, outras vezes por ser a minha mãe, mas nunca fiz disso questão de vida ou de morte.

Minha mãe não sabia ler nem escrever; meu pai, sim, sabia e tão orgulhoso se sentia que todos os dias lhe deitava isso em cara, mesmo que a coisa não viesse a propósito, chamando-lhe ignorante, ofensa gravíssima para minha mãe que se punha pior do que uma víbora. Havia tardes em que o meu pai, quando vinha para casa, trazia um jornal na mão e, embora nós não quiséssemos, agarrava em mim e na minha mãe, mandava-nos sentar na cozinha e punha-se a ler as notícias; começava, depois, a fazer comentários e todo eu tremia porque estes comentários haviam de ser sempre o princípio de uma zaragata. Minha mãe, para o ofender, dizia que o jornal não trazia nada daquilo que ele estava a ler e que tudo quanto lera eram coisas da cabeça dele; meu pai perdia a paciência quando a ouvia falar assim; gritava como se estivesse doido, chamava-lhe ignorante e bruxa e acabava sempre por dizer, em altos berros, que se ele soubesse inventar aquilo que os jornais diziam nunca teria casado com ela. Armava-se a questão. Chamava-lhe

desgraçado e malandro, injuriava-o de esfomeado e português e ele, como se estivesse à espera de tudo isso para a espancar, tirava o cinto, corria atrás dela por toda a cozinha e desancava-a até se fartar. Eu, ao princípio, ainda apanhava uma ou outra correada, mas quando comecei a aprender como as coisas eram descobri que a única maneira de um tipo se não molhar é não andar à chuva; por isso, quando via que as coisas começavam a embrulhar-se, deixava-os sós e desandava. Era lá com eles os dois.

A verdade é que a vida da minha família não era muito prazenteira; mas como não nos é dado escolher — pelo contrário, já estamos destinados, mesmo até antes de nascermos, uns para uma coisa, outros para outra — procurava conformar-me com a sorte que me havia calhado, pois era a única maneira de não desesperar. Em pequeno que é quando a vontade dos homens é mais manejável, mandaram-me à escola, mas não durante muito tempo; meu pai dizia que a luta pela vida era muito dura e que a gente devia ir-se preparando para lhe fazer frente com as únicas armas com que podíamos dominá-la, as armas da inteligência. Dizia-me tudo isto de uma tirada como se assim mesmo o tivesse aprendido; nesses momentos a sua voz parecia-me mais velada e adquiria uma tonalidade para mim desconhecida... Depois, e como que arrependido, desatava a rir às gargalhadas e acabava sempre por me dizer, quase com carinho: — Não faças caso, rapaz... Já vou para velho! — Ficava pensativo e repetia muitas vezes em voz baixa: — Já vou para velho! .

A minha instrução escolar pouco tempo durou. O meu pai que, como lhe digo, tinha gênio violento e autoritário para algumas coisas, era débil e pusilânime para outras: observei que, em geral, o gênio de meu pai só se encolerizava com assuntos triviais, porque nas coisas de importância, não sei se por ter medo ou porquê, raras vezes fazia finca pé. Minha mãe não queria que eu fosse à escola e sempre que tinha ocasião, e às vezes até sem a ter, costumava dizer-me que para não deixar de ser pobre não valia a pena aprender qualquer coisa. Semeava em bom terreno porque a mim também me não seduzia ir à escola e os dois, com a ajuda do tempo, acabávamos por convencer o meu pai, que optou por que eu abandonasse os estudos. Já sabia ler e escrever, somar e diminuir e, realmente, para me governar, já sabia bastante. Quando deixei a escola tinha doze anos; mas não vamos tão depressa porque todas as coisas requerem o seu tempo e não é por muito madurar que amanhece mais cedo. Era eu bem pequeno quando nasceu minha irmã Rosário. Guardo desse tempo uma recordação confusa e vaga e

não sei até que ponto poderei relatar fielmente o que sucedeu; porém, vou tentá-lo, pensando que se por acaso a minha narrativa pecar por pouco precisa, sempre será mais próxima da verdade do que qualquer suposição que a imaginação me levasse a fazer. Recordo-me que estava muito calor na tarde em que a Rosário nasceu; devia ter sido em Julho ou em Agosto.

Os campos estavam calmos e ressequidos; as pessoas e os animais haviam recolhido e o Sol, lá no alto, como senhor de tudo, iluminando tudo, queimando tudo... Os partos de minha mãe eram sempre muito difíceis e dolorosos; ela era meio estéril, um pouco seca e a dor era superior às suas forças. Como a pobre nunca foi um modelo de virtudes e dignidade e como não sabia sofrer e calar-se (como eu, também), resolvia tudo aos gritos. Já havia algumas horas que estava aos gritos quando nasceu a Rosário, porque para cúmulo das desgraças — era de parto lento.

Lá diz o rifão: mulher de parto lento e de bigode. . (a segunda parte não a escrevo em atenção à muito alta pessoa a quem estas linhas vão dirigidas). À minha mãe assistiu uma mulher da vila, a senhora Engrácia do monte, especialista em aflições daquele gênero e parteira, espécie de bruxa um tanto ou quanto misteriosa e que tinha levado consigo umas mistelas que aplicava na barriga de minha mãe para acalmar as dores; mas como ela, com unguento ou sem unguento, continuava a gritar até não poder mais, a senhora Engrácia não encontrou melhor remédio senão chamar-lhe descrente e má cristã e, como naquele momento os gritos de minha mãe se avolumavam como um vendaval, eu cheguei a pensar se ela não teria o diabo no corpo. Mas as minhas dúvidas pouco duraram, porque depressa compreendi que a causa daquela gritaria toda era a minha nova irmã.

Meu pai tinha levado todo aquele tempo a andar para trás e para diante, com grandes passadas, na cozinha. Quando a Rosário acabou de nascer, ele chegou-se junto da cama de minha mãe e sem nenhuma consideração por aquela circunstância começou a chamar-lhe velhaca e matreira e a dar-lhe tais safanões que até me admira como a deixou viva. Depois foi-se embora e estive dois dias sem voltar a casa; quando se resolveu a voltar, vinha mais bêbado do que um cacho; aproximou-se da cama de minha mãe e deu-lhe um beijo; minha mãe deixou-se beijar...

meu pai virou-lhe as costas e foi-se deitar na cavaliça.

Arranjaram para Rosário um bercinho com uma gaveta não muito funda onde estenderam uma almofada de lã e ali a tiveram, ao lado da cama de minha mãe, envolvida em panos e tão tapada que, às vezes, eu pensava que haviam de acabar por a sufocar. Não sei porquê mas, até então, eu tinha imaginado que as crianças, ao nascerem, eram brancas como o leite; por isso me recordo bem da má impressão que a minha irmãzinha me deu quando a vi pegajosa e vermelha como um caranguejo cozido; na cabeça tinha uma penugem, rala como a dos borrachos ou dos estorninhos ao saírem do ovo, que passados meses acabou por perder, e as mãozinhas estavam sempre tão apertadas e eram tão claras que todo eu estremecia só de as ver. Quando três ou quatro dias depois de nascer lhe tiraram as tiras de pano e a lavaram um pouco, pude ver melhor como ela era e quase que posso dizer que não me causou tanta repugnância como da primeira vez; tinha ficado mais clara, os olhinhos — que ainda não abria — pareciam querer mover as pálpebras e as mãos davam-me a impressão de se haverem aberto um pouco mais. A senhora Engrácia lavou-a muito bem com água de alecrim — que poderia ser boa ou má, não sei, mas pelo menos era a água dos desgraçados; envolveu-a de novo em tiras que ficaram menos apertadas; pôs de lado, para se lavarem, as tiras que haviam servido e deixou a criancinha de tal maneira satisfeita que dormiu tantas horas que ninguém, no silêncio da casa, iria pensar que tínhamos tido ali um parto. Meu pai sentava-se no chão, ao lado do berço, e olhando para a filha e passava as horas com uma cara de namorado, como dizia a senhora Engrácia, que até me fazia esquecer o seu gênio. Depois levantava-se, ia dar uma volta pela vila e quando menos o esperávamos, à hora em que menos costumávamos vê-lo chegar, ali o tínhamos, outra vez ao lado do berço, com uma expressão suave e um olhar tão humilde que quem quer que o visse e não o conhecesse poderia julgar-se perante S. Roque em carne e osso.

Rosário criou-se sempre franzina e chupada — pouca vida podia tirar dos peitos mirrados de minha mãe — e os seus primeiros tempos foram tão difíceis que mais do que uma vez esteve quase a marchar. Meu pai andava arreliado vendo que a criança não prosperava e, como resolvia todos os seus assuntos emborcando mais vinho, quem pagou foi minha mãe e eu, pois passamos então uma temporada tão má que até os dias bem duros que já havíamos passado nos pareceram melhores do que aqueles. Mistérios da

maneira de ser dos mortais que acabam por desejar aquilo que aborreceram. Minha mãe, que andava pior de saúde do que antes de parir, apanhava valentes surras e quanto a mim, embora fosse difícil agarrar-me, quando me apanhava a jeito, dava-me mais nalgadas que houve algumas vezes em que o sangue chegou a escorrer-me do traseiro (com sua licença), ou deixava-me as costas tão marcadas como se me tivesse ferrado.

Apouco e pouco a miúda foi-se desenvolvendo e criando forças com umas sopas de vinho que receitai a minha mãe e como era espertinha, e o tempo não passa em vão, não levou mais tempo do que o costume a aprender a andar e não tardou que começasse a falar, muito terna e com tal facilidade e ligeireza que nos trazia, a todos, presos nas suas gracinhas.

Passou aquele tempo em que as crianças estão sempre na mesma. Rosário cresceu, estava quase uma rapariguinha e quando reparámos nela vimos que era mais viva do que um lagarto e, como na nossa família nunca nos tinha passado pela cabeça fazer uso dos miolos naquilo para que eles nos foram dados, em breve a miúda se tornou uma rainha da casa e nos fazia andar mais direitos do que varas. Se o bem tivesse sido o seu instinto natural, grandes coisas ela poderia ter feito; mas como já se sabe que Deus nunca quis que nenhum de nós se distinguisse pelas nossas boas inclinações, minha irmã encarreirou o seu discorrer noutros caminhos e em breve percebemos que, embora não sendo parva, mais valia que o fosse, servia para tudo mas para nada de bom: roubava com a mesma graça e a mesma facilidade que uma cigana velha, afeiçoara-se à bebida desde pequena, servia de capa para os devaneios de nossa mãe, e como ninguém se ocupou em a encaminhar — e em a fazer aplicar no bem o seu discorrer tão claro — foi de mal a pior, até que um dia, quando tinha apenas catorze anos, levantou pouso com o pouco de valor que havia na nossa choça e foi até Trujillo, para casa da Elvira. E o efeito que a sua fuga produziu em minha casa já Vossa Senhoria pode calcular qual foi; meu pai culpava minha mãe, minha mãe culpava meu pai. No que mais se fez sentir a falta de Rosário foi nas escandaleiras de meu pai, porque se ele, quando ela estava connosco, procurava armá-las longe da sua presença, agora, com a sua ausência, qualquer hora e qualquer lugar lhe pareciam bons para armar banzé. É curioso pensar que meu pai, que em bruto e cabeçudo poucos lhe ganhavam, era a ela a única pessoa que escutava; bastava um olhar de Rosário para acalmar as suas iras e em mais do que uma ocasião a sua presença nos evitou algumas tareias. Quem poderia supor que aquele homenzarrão podia ser dominado por uma simples

criaturinha! Passou cinco meses em Trujillo, até que umas febres a fizeram regressar, meio morta, a casa e ficou de cama cerca de um ano porque as febres, que eram malignas, a fizeram estar tão perto da sepultura que por desejo de meu pai — que em bora fosse bêbedo e brigão também era cristão e da melhor lei — chegou a ser sacramentada e preparada para a sua última viagem, se tivesse de a fazer. A doença teve, como todas as doenças, as suas alternativas e aos dias em que parecia melhorar sucediam as noites em que todos pensávamos que se nos ficava; meus pais andavam sombrios e daquele triste tempo só recordo a paz dos meses que passaram sem zaragatas e tareias, tão preocupado andava o casal dos velhos!.. As vizinhas acorriam ao quarto de minha irmã para receitar mezinhas, mas como em quem tínhamos mais fé era na senhora Engrácia, a ela e aos seus conselhos recorremos para salvar a doente; complicada foi, Deus bem o sabe, a receita que lhe deu, mas como a pensou com os cinco sentidos boa devia ser; e, com efeito, embora lentamente, víamos a rapariga recuperar a saúde. E como lá diz o rifão: erva ruim não tem fim, e embora eu não queira dizer com isto que Rosário fosse má (mas também não punha as mãos no fogo para dizer que fosse boa), o certo é que depois de fazer o que a senhora Engrácia mandara só tivemos de dar tempo ao tempo para que a pequena se curasse e lhe voltasse a alegria e a boa disposição.

Mal se pôs boa, e quando os meus pais já andavam outra vez todos alegres, porque na única coisa em que concordavam era nas preocupações que a filha lhes dava, a cabra voltou a fazer das suas; meteu na saca as economias do velho e sem mais nem outra, despedindo-se à francesa, levantou voo, mas desta vez foi para Almendralejo para casa da Nieves, a Madrilena; a verdade é que — pelo menos assim o suponho — e até porque ao mais ruim dos mortais sempre qualquer coisa de bondade lhe fica, a verdade é que a Rosário não nos esqueceu de todo e, no dia dos nossos anos ou pelo Natal, mandava-nos qualquer quantia que, embora fosse reduzida, sempre nos tirava a barriga de misérias e tinha o seu mérito, porque ela não devia nadar em abundância. Em Almendralejo veio a conhecer o homem que havia de a levar à ruína; não à da honra, que essa bem arruinada já então devia estar, mas à ruína das algibeiras, que uma vez perdida aquela era a única por que tinha de cuidar. Paco López se chamava o tal sujeito, por alcunha o Estirão, e dele me vejo forçado a reconhecer que era um perfeito rapaz, embora não tivesse um olhar muito decidido, pois por ter um olho de vidro no sítio onde Deus saberá em que aventuras perdera o de

carne, o seu olhar era de tal modo desorientado que perturbava o mais seguro; era alto, alourado, magro e andava tão empertigado que não se enganou quem lhe chamou Estirão pela primeira vez; o seu ofício era valer-se da figura porque, como as mulheres eram tão tolas que o mantinham, ele preferia não trabalhar, coisa que se me parece mal não sei se o será, porque eu nunca tive ocasião de o fazer. Em tempos, segundo contam, fazia de novilheiro pelas praças andaluzas; não sei se isso é de acreditar, pois nunca me pareceu valente senão para as mulheres, mas como estas, e minha irmã entre elas, o acreditavam cegamente, ele dava-se à boa vida; de resto, Vossa Senhoria bem sabe o valor que as mulheres dão aos toureiros. Uma vez que, andando eu às perdizes e passando junto da herdade Los Jarales — de D. Jesus — dei de cara com ele que, para tomar um pouco de ar, tinha saído de Almendralejo a dar uma volta pelos montes; ia todo bem vestido, com o seu fato cor de café, a sua boina e uma varinha na mão. Saudamo-nos e ele, muito ladino, como visse que eu não lhe perguntava por minha irmã, quis puxar-me pela língua para ver o que eu lhe diria; resisti à provocação e ele deve ter notado que me irritava porque, como quem não quer a coisa, quando já apertávamos as mãos para nos despedirmos, disse-me: — E a Rosário? — Tu é que deves saber.

— Eu?

— Sim, homem! Se tu não sabes! .

— E por que eu haveria de saber?

Dizia tudo isso com um ar tão sério que todos diriam nunca na sua vida ter mentido; aborrecia-me falar de Rosário com ele, bem vê, Vossa Senhoria, como são as coisas.

O homem vergastava com a vara as moitas de tomilho.

— Pois bem, é para que o saibas!.. mas está bem! Não o querias saber, pois não?

— Olha lá, Estirão! Olha lá. Bem sabes que sou homem e não me metem medo as palavras. Não me tentes. Não me tentes.

— Mas como é que eu te tentaria se não tens com quê? O que é que queres saber da Rosário? Que tem ela a ver comigo? É tua irmã? Bem: e depois? Também é minha noiva, já vê!

Levava-me a melhor em palavras, mas se tivéssemos chegado a usar as mãos, eu lhe juro pelos meus defuntos que o matava ali mesmo, antes que ele me tocasse num cabelo. Quis dominar-me porque eu conhecia bem o meu feitio e porque de homem para homem não está bem que zaragateiem quando um tem uma espingarda na mão e o outro não a tem.

— Olha lá, Estirão, é melhor a gente se calar! É tua noiva? Bem, pois que seja! Que tenho eu com isso?

Estirão ria; parecia que queria guerrear.

— Sabes o que te digo?

— O que é?

— Que se fosses o noivo da minha irmã, te matava.

Deus bem sabe como me custou calar-me naquele dia; mas não quis tocá-lo nem sei por quê. Aborrecia-me que me falassem assim; na vila ninguém se teria atrevido a dizer-me metade do que ele me dissera.

— E olha que se torno a ver-te me rondando te mato na praça, no dia da feira.

— Não te parece que é muita coisa?

— À cacetada.

— Vê lá Estirão! Vê lá Estirão!

Desde esse dia que o tipo me ficou atravessado. Porque não lhe tirei eu a vida naquele mesmo momento é uma coisa que ainda hoje não sei. Passados tempos minha irmã tornou a vir para casa, para se curar de outras febres, e então contou-me o fim daquela troca de palavras: quando naquela noite o Estirão chegou à casa da Nieves para ver Rosário, chamou-a de parte e disse: — Sabes que tens um irmão que não é homem nem nada? E que se agacha como os coelhos quando ouvem vozes?

Minha irmã começou a defender-me, mas pouco adiantou; ele tinha ganho. Tinha ganho de mim que foi a única guerra que perdi por não ter feito a minha vontade.

— Olha, pomba; vamos falar de outra coisa. Quanto há?

— Oito pesetas.

— Mais nada?

— Mais nada! Que queres? Os tempos estão ruins.

O Estirão, com a vara, vergastou-lhe a cara até se fartar.

Depois.

— Sabes que tens um irmão que não é homem nem é nada? O tipo tinha me ficado atravessado. Porque não lhe tirei eu a vida naquele mesmo momento é uma coisa que ainda hoje não sei.

Vossa Senhoria saberá desculpar a falta de ordem que ponho nesta narrativa, mas isto de seguir pessoa por pessoa e não pelo tempo faz-me andar aos saltos do princípio para o fim e do fim para o princípio como um gafanhoto; porém, de outra maneira não poderia ser, uma vez que escrevo o que me vem à mente, sem parar como quando se escreve um romance; e se assim não fosse, correria o perigo de começar a falar, e a falar para me calar de repente, tão cansado e desnordeado que nem saberia por onde recommençar.

Os anos iam passando sobre nós como passam sobre toda a gente; a vida em minha casa continuava como sempre e, como não quero inventar, dessa época pouco mais há que Vossa Senhoria não possa supor.

Quinze anos depois de minha irmã ter nascido, e quando minha mãe andava tão mirrada que tudo se podia esperar menos que nos iria dar um outro irmão, a velha apareceu de barriga — vá lá saber-se de quem, porque suspeito que, já nessa época, devia andar metida com o senhor Rafael; de forma que não houve outro remédio senão esperar os dias que a natureza manda e acabar por receber mais um na família. O nascimento do pobre Mário — assim chamamos ao novo irmão teve mais de anormal e de funesto do que de qualquer outra coisa, porque, para cúmulo e como se o escândalo fosse pequeno, o parto de minha mãe coincidiu com a morte de meu pai, que se não tivesse sido tão trágica, nos faria rir, agora que a recordamos a frio. Quando Mário veio ao mundo havia dois dias que tínhamos encerrado meu pai na arrecadação; tinha sido mordido por um cão raivoso e embora ao princípio parecesse livrar-se da doença, mais tarde começou a ser acometido de uns tremores que nos deixaram ficar de pé atrás. A senhora Engrácia avisou-nos de que o seu olhar poderia fazer com que minha mãe abortasse e como o pobre já não tinha remédio resolvemos, com a ajuda dos vizinhos e tomadas todas as precauções, encerrá-lo, pois dava cada puxão que bem poderia tirar um braço a quem se tivesse deixado agarrar; apesar de tudo, é com piedade que recordo aquelas horas e ao recordá-las sinto um tremor percorrer-me o corpo... Meu Deus, que força tivemos todos de fazer para o subjugar! Estrebuchava como um leão, jurava que nos havia de matar a todos e no seu olhar havia um tal fogo que estou certo que nos teria matado mesmo, se Deus tivesse permitido. Como disse, havia já dois dias que o tínhamos encerrado e tais gritos dava, tais patadas arrumava na porta, que foi preciso segurar com umas tranças, que não me espanta que Mário,

animado também com os gritos da mãe, tivesse vindo ao mundo assustado e tonto; meu pai acabou por se calar na noite seguinte — que era a do Dia de Reis — e quando, julgando-o já morto, fomos buscá-lo, nós o encontramos caído no chão e com um tal medo estampado no rosto que parecia estar já nos infernos. Amim assustou-me um pouco o fato de minha mãe, em vez de chorar, como era de esperar, se pusesse a rir e não tive outro remédio senão reprimir as duas lágrimas que quiseram assomar-me aos olhos quando vi o cadáver, que tinha os olhos abertos e cheios de sangue e a boca entreaberta com a língua mordida e de fora. Quando o enterraram, D. Manuel, o pároco, ao ver-me, fez-me um sermão. Não me lembra muito bem o que me disse; falou-me da outra vida, do céu e do inferno, da Virgem Maria, da memória de meu pai e, quando me ocorreu dizer que, quanto a meu pai, o melhor seria não o recordar, D. Manuel, passando-me a mão pela cabeça, disse-me que a Morte levava os homens de um reino para o outro e que ela tinha ciúmes por odiarmos os que tinha levado consigo para que Deus os julgasse. Bem, não me disse tudo isto assim; disse-o com palavras justas e certas, mas o que me queria dizer não devia andar muito longe daquilo que aqui deixo escrito. Desde esse dia, sempre que via D. Manuel saudava-o e beijava-lhe a mão, mas quando me casei minha mulher disse-me que parecia uma mariquice fazer tais coisas e, claro está, já não pude saudá-lo mais; depois vim a saber que D. Manuel tinha dito que eu era tal e qual uma rosa no esterco e Deus bem sabe que vontade tive de o esganar ali mesmo naquele momento; depois esse desejo foi-me passando e como sou de natureza violenta mas ao mesmo tempo depressa me acalmo, acabei por esquecer; além disso, e pensando bem, nunca tive a certeza de o padre ter falado assim; se calhar D. Manuel não tinha dito nada — não se pode acreditar em tudo o que diz mesmo que o tivesse dito. Quem sabe o que queria dizer! Quem sabe se ele não queria afirmar o que eu entendi! Se Mário tivesse podido pensar quando deixou este vale de lágrimas, certamente que não teria partido muito satisfeito com o mundo. Pouco viveu entre nós; parecia ter adivinhado a família que o esperava e ter preferido sacrificá-la à companhia dos inocentes no limbo. Deus bem sabe que acertou com o caminho e quantos foram os sofrimentos que o pobre aqui passou! Quando nos deixou não tinha ainda dez anos que, se foram poucos para os muitos que teria de sofrer, suficientes teriam sido para chegar a falar e a andar, coisas que nunca chegou a fazer; o pobre nunca deixou de se arrastar pelo chão como se fosse uma cobra e de dar uns guinchinhos com a garganta e o

nariz como se fosse um rato: foi a única coisa que aprendeu. Nos primeiros anos de vida nós pudemos logo ver que o infeliz tinha nascido tonto e tonto havia de morrer; levou um ano e meio para que lhe nascesse o primeiro dente e mesmo assim nasceu-lhe tão fora do seu lugar que a senhora Engrácia, que tantas vezes foi a nossa providência, teve de lho tirar com um cordel para que não se lhe cravasse na língua. Por essa altura, e vá lá saber-se se não teria sido por causa do sangue que engoliu quando foi de lhe tirarem o dente, apareceu-lhe um sarampo ou fogagem no traseiro (com sua licença) que chegou a pôr-lhe as nádegas em ferida e em carne viva por se ter misturado a urina com o pus das bolhas; quando tivemos de o tratar com vinagre e sal o pobrezinho lançava tal choro que até fazia cortar o coração a quem o tivesse de pedra. Passou algum tempo de sossego a brincar com uma garrafa, que era o que mais lhe despertava a atenção, ou deitado ao sol, para se reanimar, junto do curral ou à porta da rua; assim o inocente foi vivendo, umas vezes melhor do que outras, mas já um pouco mais tranquilo, até que um dia — quando tinha quatro anos — a sorte virou-se contra ele de tal forma que, sem ter feito nada para isso, nem ter feito mal nenhum, nem mesmo ter tentado Deus, um porco (com sua licença) lhe comeu as orelhas. D. Raimundo, o boticário, pôs-lhe uns pozinhos amarelos, de qualquer erva; dava tanta pena vê-lo assim amarelado e sem orelhas que todas as vizinhas, para o consolarem, lhe levavam, aos domingos, tangerinas, amêndoas, azeitonas em conserva ou um bocado de chouriço. Pobre Mário, como ele agradecia, com os seus olhinhos negros, aquelas guloseimas! Se até então tinha vivido mal, muito pior passou a viver depois do que o suíno (com sua licença) lhe fez; passava os dias e as noites a chorar e a gemer como um abandonado e como a pouca paciência da mãe se esgotou quando mais falta lhe fazia, passava a vida arrastando-se pelo chão, comendo o que lhe deitavam, e tão sujo que até a mim — para que mentir? —, que nunca me lavei demasiado, chegou a causar-me repugnância. Quando um báculo (com sua licença) passava ao pé dele, o que tantas vezes acontece nas terras da província, punha-se como doido: gritava com mais força do que de costume, rastejava para se esconder atrás de qualquer coisa e via-se um tal medo na cara e nos olhos que nem sei se o próprio Lúcifer, se descesse à Terra, não ficaria estarecido.

Lembro-me de que um dia — um domingo num desses momentos de medo, fugiu com tal espanto e tanta raiva que se atirou — Deus saberá porquê — ao senhor Rafael que estava lá em casa e que, desde a morte de

meu pai, ali entrava e saía como em terreno conquistado; não se podia ter lembrado de pior coisa, o infeliz, do que de morder uma perna do velho, e mais valera nunca o ter feito, porque este, com a outra perna, arreou-lhe tal patada numa das cicatrizes que o deixou sem sentidos, como morto, e a escorrer uma aguadilha que me fez pensar que se lhe acabara o sangue. O velho ria como se tivesse cometido um grande feito. Fiquei-lhe com tal ódio desde esse dia que, pela minha sorte o juro, se Deus o não tivesse afastado do meu alcance, tê-lo-ia espatifado na primeira ocasião em que pudesse.

O pobre para ali ficou estendido e minha mãe — asseguro-lhe que me assustei naquele momento em que a vi tão ruim — não o apanhava e ria fazendo coro com o senhor Rafael; a mim, bem o sabe Deus, não me faltou vontade de o levantar do chão, mas preferi não o fazer. Se o senhor Rafael, naquele momento, me tivesse chamado mole, por Deus o juro que o teria amachucado ali mesmo diante de minha mãe. Desandei e fui até a vila para esquecer; no caminho encontrei a minha irmã — que nessa altura andava lá pela terra — e contei-lhe o que se tinha passado; vi-lhe um tal ódio nos olhos que me deu em pensar que não seria bom tê-la por inimigo; lembrei-me, não sei porquê, do Estirão e ri-me ao pensar que alguma vez a minha irmã poderia lançar-lhe aqueles olhos.

Quando voltamos para casa, passadas bem duas horas, o senhor Rafael estava a despedir-se; Mário continuava no mesmo sítio em que o deixei, gemendo, com a cicatriz mais vermelha e miserável do que um cômico pela Quaresma; minha irmã, que julguei que ia armar banzé, levantou-o do chão e deitou-o na amassadeira. Naquele dia pareceu-me mais formosa do que nunca, com o seu vestido azul cor do céu e o seu ar de mãe camponesa, ela que nem o fora nem nunca o viria a ser.

Quando o senhor Rafael acabou por se ir embora, minha mãe agarrou em Mário, estreitou-o no regaço e toda a noite lhe esteve lambendo a ferida, como uma cadela parida lambe os cachorros; a criança deixava-se amimar e sorria. Deixou-se dormir com um sorriso nos lábios. Foi essa noite, sem dúvida, a única em toda a sua vida em que o vi sorrir.

Mário passou depois algum tempo sem que lhe surgisse qualquer outra desgraça; mas, como todo aquele a quem o Destino persegue nunca se livra, nem mesmo que se esconda debaixo de uma pedra, um dia, como tivesse desaparecido, procuramos por toda parte e acabamos por encontrá-lo afogado numa talha de azeite. Foi minha irmã Rosário quem o encontrou. Estava tal qual uma coruja larápia que tivesse sido apanhada na ratoeira: caído sobre a borda da talha, com o nariz de encontro ao barro do fundo. Quando o levantamos, caía-lhe da boca um fiozinho de azeite como se fosse uma linha de oiro que estivesse enrolada no seu ventre; o cabelo, que sempre fora da apagada cor da cinza, brilhava com um reflexo tão belo que até nos fez pensar que tinha ressuscitado com a morte do infeliz. Tal é a estranha recordação que guardo da morte de Mário.

Minha mãe nem sequer chorou a morte do filho; bem secas devia ter as entranhas aquela mulher de coração tão duro que nem sequer lhe restaram umas lágrimas para assinalar a desgraça da pobre criatura. De mim posso dizer, e não me envergonho disso, que chorei, tal como minha irmã, e que tal ódio tive por minha mãe e tão grande esse ódio havia de se tornar, que cheguei a ter medo de mim mesmo. A mulher que não chora é como a fonte que não corre, não serve para nada, ou como a ave do céu que não canta e a quem, se Deus quisesse, cairiam as asas porque às alimárias nenhuma falta lhes fazem.

Muito me deu que pensar (já que tenho de dizer a verdade) o motivo por que cheguei a perder, primeiro, o respeito a minha mãe e depois, conforme o andar dos anos, o carinho; muito me deu que pensar, porque queria ter a memória clara para ver em que altura ela deixou de ser no meu coração uma mãe e em que altura, depois, chegou a tornar-se um inimigo. Um inimigo raivoso, porque não há pior ódio do que o do mesmo sangue; um inimigo que me esgotou toda a bília, porque a ninguém se odeia mais profundamente do que àqueles com quem nos parecemos, de tal maneira que se chega a odiar a própria semelhança. Depois de muito pensar e de nada chegar a esclarecer, só posso dizer que desde há muito lhe havia perdido o respeito, desde que não encontrara nela qualquer virtude que me servisse de exemplo nem qualquer dom que eu pudesse imitar, desde que a afastara do meu coração porque nela tanta maldade vi que toda junta não caberia no meu peito. Ainda levei algum tempo até chegar a odiá-la

verdadeiramente — porque nem o amor nem o ódio são coisas de um dia —, e se apontasse o dia da morte de Mário talvez não errasse muito a data do aparecimento do meu ódio.

Tivemos de limpar o corpo do infeliz com umas tiras de linho para evitar que aparecesse demasiado sujo no Dia de Juízo e tivemos de vesti-lo com umas roupas que havia lá em casa; calçamos-lhe umas alpargatas que eu mesmo fui à vila comprar, pusemos-lhe uma gravatinha cor-de-malva com um laço no pescoço como se fosse uma borboleta que na sua inocência tivesse ousado sobre um morto. O senhor Rafael, que deu para ser caridoso para com o morto a quem em vida tratara tão desapiedadamente, ajudou-nos a preparar o caixão; o homem ia e vinha de um lado para o outro, diligente e ufano como uma noiva, ora trazendo um prego ora uma tábua, e eu pus toda a minha atenção na sua diligência e na sua ufania porque, não sei porquê, me pareceu que no íntimo se sentia contente. Quando dizia, como que distraído: <<Foi Deus quem assim o quis! Morreu um anjinho! >>, deixava-me tão pensativo que agora me é difícil reconstruir o que então se passou em mim. Depois, enquanto pregava as tábuas ou lhes passava uma pintura, repetia como um estribilho: — Morreu um anjinho! Morreu um anjinho! E as suas palavras matraqueavam-me o coração como se dentro de mim houvesse um relógio. Um relógio que acabasse por me estalar o peito. Um relógio que obedecia às suas palavras, ditas aos poucos e com cuidado, que obedecia aos seus olhos úmidos e azuis, como os das víboras, que me olhavam como a pedir simpatia quando no meu sangue só havia por ele um ódio enorme. Recordo com tristeza essas horas: — Morreu um anjinho! Morreu um anjinho! O filho da mãe, como fingia! Mas falemos de outra coisa.

Nunca soube, e de resto também nunca me deu para pensar nisso a sério, como seriam os anjos; houve tempos em que os imaginei loiros, e vestidos com umas largas túnicas azuis ou cor-de-rosa; outros tempos houve em que os julguei da cor das nuvens e mais delgados do que as hastes do trigo. Mas o que posso afirmar é que sempre me pareceram muito diferentes de meu irmão Mário, motivo que me levou a pensar que, por detrás das palavras do senhor Rafael, havia gato com rabo de fora>> e uma intenção tão má e tão repugnante como era de esperar da sua muita ruindade.

O enterro de Mário, como anos antes o de meu pai, foi pobre e triste, e atrás do caixão não se juntaram, sem exagero, mais do que cinco ou seis pessoas: D. Manuel; Santiaio, o sacristão; Lola, três ou quatro velhas e eu. À frente ia Santiago, com a cruz, dando pontapés nas pedras; a seguir ia o

caixão; depois D. Manuel com as suas vestes brancas que sobre a sotaina pareciam um penteador e, por fim, as velhas com os seus choros e lamentos, que até parecia, a quem as visse todas juntas, serem as mães do que ia a enterrar.

Lola, então, era já pouco mais ou menos minha namorada e digo pouco mais ou menos>> apenas porque, na realidade, embora olhássemos um para o outro com alguma inclinação, nunca me tinha atrevido a dirigir-lhe palavras de amor; tinha medo de que ela não me ligasse e conquanto, várias vezes, ela desse ocasião a que eu me decidisse, sempre em mim a timidez era mais forte e fazia demorar cada vez mais o assunto que já se ia prolongando mais do que devia. Eu andava aí pelos vinte e oito ou trinta anos e ela, que era um pouco mais nova do que minha irmã Rosário, andaria pelos vinte e um ou vinte e dois; era alta, morena, tinha o cabelo preto e uns olhos tão negros e profundos que nos feriam só de os olhar; tinha as carnes morenas e duras e tão desenvolta se mostrava que, ao vê-la, era fácil pensar-se que estávamos na presença de uma mulher já mãe. Mas antes de passar adiante e para que me não esqueça, quero dizer a Vossa Senhoria, para contar toda a verdade, que naquela altura a rapariga estava tão inteira como ao nascer e tão desconhecedora de homem como uma noviça; isto é uma coisa sobre a qual quero fazer finca-pé para evitar que haja ideias erradas sobre ela; o que mais tarde havia de fazer — só Deus o sabe — foi lá com a sua consciência, mas daquilo que até então fez estou eu bem seguro pois tão arredia andava de qualquer ideia de luxúria que seria capaz de dar a minha alma ao diabo se me demonstrasse o contrário. Andava com tanto tino e segurança, com tal soberba e arrogância que tudo poderia parecer menos uma mulher do campo; e a sua cabeleira, apanhada em grossa trança sobre a nuca, tal sensação de do mínio lhe dava que, passados tempos e quando já era seu marido, gostava de roçar por ela a minha cara, tal a sua suavidade e aroma: era formosa como o Sol, como o tomilho, e tinha umas gotinhas frias de suor sobre o beijo quando se cansava.

O enterro, voltando aonde íamos, passou-se sem dificuldades: como a cova já estava aberta, nada mais tivemos a fazer senão meter lá dentro o meu irmão e acabar de o tapar com terra. D. Manuel rezou um latínório qualquer e as mulheres ajoelharam-se; Lola, ao ajoelhar-se, deixou ver as pernas, brancas e apertadas como morcelas, acima das meias pretas. Envergonho-me do que vou dizer, mas que Deus o tome para salvação da minha alma, tanto me custa confessá-lo: naquele momento cheguei a

alegrar-me com a morte do meu irmão. As pernas de Lola brilhavam como prata, o sangue fervia-me nas veias e o coração parecia querer saltar-me do peito.

Não vi D. Manuel nem as mulheres irem-se embora. Estava meio tonto quando, sentado em cima da terra revolvida sobre o cadáver de Mário, comecei de novo a pensar na vida; porque me deixei ali ficar sozinho e quanto tempo ali estive são duas coisas que nunca consegui saber. Recordo-me de que o sangue continuava a bater-me nas fontes, que o coração continuava como se quisesse saltar-me e voar. O Sol começava a desaparecer; os seus últimos raios iam cravar-se sobre o triste cipreste, minha única companhia. Fazia calor; um tremor percorria-me o corpo; não podia mexer-me, sair dali; estava varado como se um lobo me fitasse.

De pé, ao meu lado, estava Lola; os seios subiam e desciam conforme respirava. — Então? — Nada! — Que fazes aqui? — Nada. Agora.

Levantei-me e agarrei-a por um braço.

— Que fazes aqui? — Nada! Não vês? Nada! .

Lola olhava-me com um olhar que me enchia de espanto. A sua voz era como uma voz do além, grave e subterrânea como a de uma alma do outro mundo.

— Pareces o teu irmão! — Eu? — Sim! Tu! Foi uma luta feroz!

Deitada por terra, dominada, parecia mais formosa do que nunca.

Os seios arfavam cada vez mais depressa à medida que respirava. Segurei-a pelos cabelos e tinha-a bem presa, no chão. Ela torcia-se, tentava fugir-me.

Mordi-a até lhe fazer sangue, até que a tive rendida e dócil como uma égua nova.

— É isso que queres? — Sim! Lola sorria-me mostrando os dentes muito certinhos. Depois, alisava-me o cabelo.

— Não és como o teu irmão! És um homem! Nos seus lábios as palavras tornavam-se mais solenes.

— És um homem! És um homem!

O campo estava sereno, bem me recordo. E sobre a terra, apenas meia dúzia de papoilas para meu irmão, ali morto: eram seis gotas de sangue.

— Não és como o teu irmão! És um homem!..

— Gostas de mim? — Gosto.

JÁ lá vão quinze dias desde que acabei de escrever o que atrás ficou narrado e, durante este tempo, quis a Providência que eu andasse tão ocupado com interrogatórios e visitas do advogado de defesa, por um lado, e com a mudança para este novo local, por outro, que nem sequer tive um momento para tornar a pegar na pena. Agora, depois de reler este punhado de folhas, que não é lá muito grande, as ideias se embaralham na cabeça com tal precipitação e desnorteamento que, por mais que pense, não consigo descobrir como retomar o fio da meada. São já muitas as desgraças que contei, como Vossa Senhoria poderá ver, e julgo que me faltarão forças para enfrentar as muitas outras que me resta contar; fico espantado com a maneira como a memória me é fiel nestes momentos em que todos os fatos da minha vida vão ficando escritos nestes papéis com tanta nitidez; é engraçado — e ao mesmo tempo triste, Deus bem o sabe! — parar um pouco para considerar que se há alguns anos me tivesse ocorrido o esforço de memória que agora estou fazendo, a estas horas, em vez de estar a escrever numa cela, estaria a apanhar sol no curral, a pescar enguias no regato ou a perseguir coelhos pelos montes. Estaria a fazer qualquer dessas coisas vulgares que a maior parte dos homens faz; teria à minha frente, sabe Deus, quantos anos de vida, como os tem — sem se dar conta que os pode gastar lentamente — a maior parte dos mortais.

O sítio para onde agora me trouxeram é melhor; através da janela vê-se um jardimzinho, bem cuidado e garrido como uma salinha e, lá mais adiante, até os montes da serra, estende-se a planície, morena como a pele dos homens, por onde passam, às vezes, mulas ajoujadas que vão para os lados de Portugal, burritos que no seu trote se dirigem para as choças do campo, mulheres e crianças que vão à fonte.

Respiro o ar que entra e sai da cela livremente, esse mesmo ar que em breve todos respiram ou o moço das mulas quando passa. Sigo com os olhos as borboletas de todas as cores que esvoaçam em volta dos girassóis; às vezes, uma delas entra na cela, dá duas voltas e torna a sair também para não levar nada com ela, e quem sabe se não irá pousar sobre a almofada do Diretor. Apanho com a boina o rato que saiu dum buraco e veio comer o que eu deixei, olho-o, deixo-o porque não leva nada com ele — e vejo-o escapar-se pelo buraco por onde entrou e donde seguirá para outra cela para ir comer o rancho de qualquer outro que ali esteja tão só e que dali só sairá para

o inferno.

Talvez Vossa Senhoria não me acredite se lhe disser que nestes momentos me assalta uma tal tristeza e uma tal angústia que posso assegurar-lhe que o meu arrependimento não é menor do que o de um santo; talvez não me acredite porque bastante más devem ser as informações que de mim tem e bastante maus os juízos que de mim já deve ter feito; apesar disso. Mas posso dizer-lhe, talvez apenas só para lho dizer, talvez apenas para não afastar de mim a ideia de que Vossa Senhoria saberá compreender o que digo e acreditar naquilo que pela minha boa sorte não juro porque bem pouco vale jurar por ela...

Sinto um amargor subir-me à garganta como se o coração fabricasse fel em vez de sangue; anda-me no peito para baixo e para cima e deixa-me um gosto ácido no paladar; põe-me a língua pegajosa e seca-me todo por dentro com o seu sabor forte e desagradável como o ar de um coval.

Parei agora alguns instantes de escrever; talvez durante vinte minutos, talvez durante uma hora ou duas. Pelo caminho — e eu bem via através, da minha janela — passava gente. Se calhar essas pessoas, que por ali seguiam tão naturalmente, já nem sequer pensavam que eu as estava a ver. Eram dois homens, uma mulher e um rapazinho. Pareciam ir contentes. Os homens teriam talvez trinta anos, cada um; a mulher um pouco menos; e o rapazinho não passava dos seis. Ia descalço, saltitando como as cabras em volta das moitas e levava vestida uma camisolinha que lhe deixava o ventre nu. Corria uns passinhos para diante, parava, atirava uma pedra a qualquer pássaro. Não se parecia com Mário; no entanto, como ele me fazia lembrar o meu irmão! A mulher devia ser a mãe; era morena e tinha um ar tão alegre que me sentia feliz só de olhar para ela. Bem diferente era de minha mãe; apesar disso, porque seria que me fazia recordá-la? Vossa Senhoria perdoar-me-á, mas não posso prosseguir. Pouco me falta para chorar. Vossa Senhoria sabe, tão bem como eu, que um homem que se preze não deve deixar-se tomar pelo choro como qualquer mulher.

Vou continuar a minha narrativa; é triste, bem o sei, mas muito mais triste, porém, me parecem estas filosofias para as quais o meu coração não é feito: o meu coração, esta máquina que fabrica sangue que qualquer punhalada faz derramar.

As minhas relações com Lola seguiram por um caminho que Vossa Senhoria certamente já adivinhou e, com o andar dos tempos, mal tinham passado cinco meses após o enterro de meu irmão, vi-me surpreendido — já Vossa Senhoria vê como as coisas são — com a notícia que menos deveria surpreender-me.

Foi no Dia de S. Carlos, no mês de Novembro. Eu tinha ido a casa de Lola, como fazia todos os dias, havia meses; a mãe dela, como sempre, saiu para a rua. Encontrei a minha rapariga um pouco pálida e estranha; parecia ter chorado, como se a afligisse uma profunda pena. A conversa — que entre os dois nunca era muito fiada —, naquele dia, espantava-nos a voz como os passos aos grilos ou o canto do caminhante às perdizes; a cada tentativa que eu fazia para falar, as palavras tropeçavam-me na garganta que ficava tão seca como um pau.

— Pois se não queres falar não fales.

— Quero, sim!

— Então, fala! Não te impeço!

— Pascual!

— O que é?

— Sabes uma coisa?

— Não.

— E não te passa pela cabeça?

— Não.

Agora até rio ao pensar que levei tanto tempo para atinar com aquilo.

— Pascual!

— O que é?

— Estou grávida.

A princípio não percebi bem. Fiquei varado, tão estranha a novidade me parecia; nunca tinha pensado que aquilo que me diziam, que aquilo que era tão natural, pudesse vir a acontecer. Não sei o que é que eu pensava.

O sangue subiu-me às orelhas e deixou-as vermelhas como brasa; os olhos ardiavam-me como se tivessem sabão.

Passaram-se bem uns dez minutos de um silêncio de morte. O coração parecia querer saltar-me pelas fontes e batia-me sacudidamente como se fosse um relógio; levei algum tempo a coordenar as ideias.

A respiração de Lola parecia passar através de uma flauta.

— Estás grávida?

— Estou!

Lola começou a chorar. Não me vinha nada à ideia para consolá-la.

— Não sejas tonta. Uns morrem. Outros nascem.

Talvez Deus tome em conta a ternura que naquela tarde senti e me perdoe algumas das penas que tenho de sofrer no inferno.

— E isso que tem? Também tua mãe o esteve antes de nasceres. e a minha também.

Tinha de fazer um grande esforço para conseguir dizer qualquer coisa. Notei uma mudança em Lola; parecia que a tinham virado do avesso.

— É o que sempre acontece, já se sabe. Não há razão para te amolares.

Eu olhava para o ventre de Lola; não se notava nada. Estava formosa como poucas vezes a tinha visto, pálida e com uma madeixa de cabelo revoltado. Aproximei-me dela e beijei-a na testa; estava fria como uma morta. Lola deixava-se beijar com um sorriso nos lábios que a fazia parecer uma mártir dos tempos antigos.

— Estás contente?

— Sim, muito contente.

— Me quer assim mesmo?

— Sim, Lola, assim mesmo!

E era verdade. Naquele momento era assim que a queria. jovem e com um filho no ventre; com um filho meu, a quem — nesse momento — acreditava poder vir a educar e a fazer dele um homem de bem.

— Vamos casar, Lola; temos de arranjar os papéis. Isto não pode ficar assim.

— Não.

A voz de Lola parecia um suspiro.

— Quero mostrar a tua mãe que sei cumprir como um homem de palavra.

— Ela já sabe.

— Não, ainda não sabe!

Quando dei por mim era já noite fechada.

— Chama a tua mãe.

— Minha mãe?

— Sim.

— Para quê?

— Para lhe contar tudo.

— Já o sabe.

— Mesmo assim. Quero dizer eu!

Lola pôs-se de pé — como era alta! — e saiu. Ao vê-la na cozinha gostei mais dela do que nunca.

Amãe de Lola entrou daí a pouco.

— Que queres?

— Vossemecê já deve saber.

— Viste o que lhe fizeste?

— Não lhe fiz nenhum mal.

— Nenhum mal?

— Pois claro! Não tem já idade para isso?

Amulher calou-se; nunca julguei poder vê-la tão mansa.

— Queria falar com vossemecê.

— Sobre o quê?

— Sobre a sua filha. Vou casar-me com ela.

— É a tua obrigação. Estás decidido a isso?

— Claro que estou.

— Já pensaste bem no assunto?

— Já; e bastante!

— Em tão pouco tempo?

— Tive tempo de sobra.

— Então espera; vou chamá-la.

A velha saiu e demorou muito tempo a voltar de novo para junto de mim; talvez estivessem a discutir. Quando apareceu trazia Lola pela mão.

— Olha, diz que quer casar contigo. E tu, também queres casar?

— Quero.

— Bem, bem. Pascual é bom rapaz; eu já sabia que ele havia de cumprir. Vamos, deem um beijo! — Já o demos.

— Então deem outro. Vamos, quero vê-los se beijando.

Aproximei-me da rapariga e beijei-a; beijei-a longamente, com todas as minhas forças, muito apertada a mim, sem me importar com a presença da mãe. Apesar disso aquele primeiro beijo autorizado valeu pouco, muito menos do que aqueles que lhe dei no cemitério e que já tão distantes me pareciam.

— Posso ficar?

— Pois fica.

— Não, Pascual, não fiques; ainda não.

— Deixa-o ficar, rapariga. Não vai ser teu marido?

Deixei-me ficar e passei com ela a noite. No dia seguinte, muito cedo, fui até a paróquia; entrei na sacristia. Lá estava D. Manuel a

preparar-se para dizer a missa, aquela missa que rezava para D. Jesus, para a senhora e para mais duas ou três velhas. Ao ver-me chegar, parou como que surpreendido.

— Tu por aqui?

— Pois saiba Vossa Mercê, D. Manuel, que venho falar-lhe.

— É coisa para demorar?

— Um pouco.

— Podes esperar que eu diga a missa?

— Posso, sim senhor. Não tenho pressa.

— Então, espera.

D. Manuel abriu a porta da sacristia e indicou-me um banco na igreja, um banco como o de todas as igrejas, um banco de madeira por pintar, duro e frio como pedra, mas nos quais, às vezes, se passam tão belos bocados. .

— Senta-te ali. Quando vires que D. Jesus se ajoelha, ajoelha-te também; quando vires que D. Jesus se levanta, levanta-te também; e quando vires que D. Jesus se senta, também te deves sentar.

— Sim, senhor.

A missa durou, como todas as missas, pouco mais ou menos meia hora, mas essa meia hora passou-se num instante.

Quando acabou, voltei para a sacristia. D. Manuel estava a despir-se.

— Então, dize lá.

— Saiba Vossa Mercê. que me quero casar.

— Pois acho muito bem, filho, muito bem; para isso criou Deus os homens e as mulheres, para perpetuar a espécie humana.

— Sim, senhor.

— Bem, bem. E com quem? Com a Lola?

— Com a Lola, sim, senhor.

— Já há muito que pensas nisso?

— Não, senhor; ontem.

— Só ontem?

— Só ontem. Só ontem é que ela me disse o que se passava.

— E passa-se alguma coisa?

— Passa-se.

— Está pejada?

— Pois é, pejada.

— Então, meu filho, o melhor é que casem. Deus perdoará tudo e perante os homens ganham a sua consideração. Um filho nascido fora do matrimônio é um pecado e uma vergonha. Um filho nascido de pais

cristãmente casados é uma bênção. Eu arranjaréi os papéis. São primos?

– Não, senhor.

– Tanto melhor. Volta dentro de quinze dias; já terei tudo preparado.

– Sim, senhor.

– Onde vais agora?

– Pois já Vossa Mercê vê... ao trabalho.

– E não te queres confessar antes?

– Sim.

Confessei-me e fiquei calmo e descansado como se me tivessem dado um banho de água quente.

Pouco mais ou menos ao cabo de um mês, a 12 de Dezembro, dia da Virgem de Guadalupe, que naquele ano calhou a uma quarta-feira, e depois de ter cumprido tudo o que manda a lei da Igreja, eu e Lola nos casamos.

Eu andava preocupado e pensativo, como se tivesse medo do passo que ia dar — o casamento é uma coisa muito séria, caramba! — e tive momentos de fraqueza e desfalecimento, momentos em que nada me faltou para voltar com a palavra atrás e mandar passear tudo, coisa que só não cheguei a fazer por pensar que com isso ia dar muito que falar, o que me assustava; o melhor seria deixar-me ficar quieto e deixar que os acontecimentos seguissem o seu caminho; se calhar os carneiros pensam o mesmo quando os levam para o matadouro. O que posso dizer é que, à medida que o ato se avizinhava, houve momentos em que quase enlouqueci. Não sei se seria o olfato que me avisava da desgraça que estava à minha espera. O pior é que esse mesmo olfato não me assegurava melhor sorte se eu tivesse ficado solteiro.

Como gastei na boda as economias que tinha — que uma coisa era casar-me contra a vontade e outra o tratar de me portar como me correspondia —, a festa foi, já não digo brilhante ou que desse brado, mas, pelo menos, como a de qualquer outro. Mandeí pôr umas papoilas e uns ramos de alecrim e rosmarinho na igreja, que ficou assim com um aspecto agradável e acolhedor e que talvez fizesse com que não sentíssemos as lousas no chão e os bancos de madeira tão frios. Lola ia de negro, com um vestido de boa fazenda que lhe ficava muito bem e levava na mão um ramo de flor de laranjeira que lhe dava um ar tão feliz que até parecia uma rainha; eu levava um vistoso fato azul com cordões vermelhos que fui comprar a Badajoz, uma boina de veludo preto que estreei nesse dia e um lenço de seda. Posso assegurar-lhe que fazíamos um lindo par, mostrando a nossa juventude e o nosso donaire!..

Belos tempos aqueles em que ainda nos ficavam instantes para nos julgarmos felizes. e como me parecem distantes esses momentos! .

Foram nossos padrinhos o menino Sebastião, o filho de D. Raimundo o boticário, e a senhora Aurora, irmã de D. Manuel, o padre que nos deu a bênção e no final nos fez o sermão que durou três vezes o tempo da cerimônia e que se o aguentei não foi por outra coisa senão — Deus bem o sabe! — por julgar ser essa a minha obrigação, mas que bastante me enfadou.

Falou-nos outra vez da perpetuação da espécie, falou-nos também do papa Leão XIII e disse não sei o quê acerca de S. Paulo e dos escravos. Juro-lhe que o homem trazia um discurso bem preparado! Quando acabou a função na igreja — coisa que nunca julguei que pudesse vir a acontecer — fomos todos para minha casa onde, sem grande comodidade mas com a melhor das vontades do mundo, tínhamos preparado comida e bebida suficientes para todos se fartarem e que podia chegar até para o dobro das pessoas. Para as mulheres havia chocolate com bolachas, torta de amêndoa, biscoitos e pão de figo, e para os homens havia manzanilla e rodela de chouriço, presunto, azeitonas e sardinhas de conserva. Sei que houve na terra quem me criticasse por não ter dado jantar, mas quero que vão para o diabo. O que lhe posso assegurar é que me teria custado menos ter-lhes feito o gosto do que ter de esperar que aquilo acabasse para me ir embora com a minha mulher. Tenho a consciência tranquila de ter procedido como devia e isso me basta: quanto ao falatório, o melhor é não fazer caso! Depois de ter feito as honras da casa e assim que me foi possível, agarrei na minha mulher, sentei-a em cima da égua que levava os arreios do senhor Vicente que, para o efeito, os tinha emprestado, e trotando com cuidado para que Lola não caísse, meti pela estrada e segui em direção de Mérida, onde passamos três dias, talvez os três dias mais felizes de toda a minha vida. Durante o caminho paramos talvez meia dúzia de vezes para nos refrescarmos um pouco e agora me recordo com estranheza, o que muito me dá que pensar, daquele momento em que nos deu para pararmos e recolhermos margaridas para pormos na cabeça um do outro. Aos recém-casados parece que de repente lhes voltou toda a candura da infância.

Quando, num trote compassado e regular, entrávamos na cidade atravessando a ponte romana, tivemos a pouca sorte de a égua se espantar — talvez assustada de ver o rio — e de ter dado um tal coice numa velha que por ali passava que a mulher esteve quase a cair nas águas do Guadiana. Desmontei rapidamente para socorrer a velha, pois não era de gente bem-nascida deixá-la para ali; mas como me pareceu que a criatura era de maus fígados, dei-lhe um real — para que se classesse — e duas palmadinhas nas costas e, tornando a montar, segui o meu caminho com Lola. Esta sorria e o seu sorriso, pode crer, perturbou-me; não sei se seria pressentimento ou qualquer coisa como o anúncio do que havia de vir a acontecer-lhe. Não é bonito a gente rir-se da desgraça do próximo, é o que lhe diz um homem que foi muito desgraçado em toda a sua vida; Deus castiga sem pau nem pedra

e, além disso, já se sabe, quem com ferro mata. Por outro lado, e quanto mais não seja por isso mesmo, nunca é de mais ser-se humanitário.

Alojamo-nos na Estalagem do Mirlo, num quarto grande que ficava logo à entrada, mesmo à direita, e nos dois primeiros dias ficamos de tal maneira esbodegados que nem pusemos o pé na rua. Estava-se bem naquele quarto; era amplo, tinha os tectos altos e bem sustentados por grossas vigas de castanho, o chão muito bem assoalhado e tinha um mobiliário tão cômodo e numeroso que dava prazer usá-lo. A recordação daquela alcova acompanhou-me durante toda a minha vida como se fosse um amigo fiel; a cama com a sua cabeceira de noqueira lavrada, com os seus quatro colchões de lã bem lavada e mexida, era a cama mais senhoril em que dormi em todos os dias da minha existência — e que bem que nela se dormia! Parecia mesmo a cama de um rei! Havia, também, uma cômoda alta e bojuda como uma matrona, com quatro grandes gavetões de puxadores doirados e um armário que chegava até o tecto e tinha um espelho oval e amplo com dois belos candelabros — da mesma madeira — cada um do seu lado para alumiar bem a nossa cara. Até o lavatório, que em geral é sempre o pior, era bonito: os pés de bambu fininho e curvo e a bacia de loiça branca com uns passarinhos pintados na borda davam-lhe uma graça que o tornava simpático. Nas paredes havia uma ilustração, grande e a quatro cores, mesmo por cima da cama, representando um Cristo no Calvário; uma pandeireta que tinha um desenho da Giralda de Sevilha e uma rede com borlas vermelhas e amarelas; dois pares de castanholas, cada um do seu lado; e uma pintura do Circo Romano, que sempre reputei de grande mérito, tão parecida a achava. Sobre a cômoda havia também um relógio que tinha uma esfera pequena que simbolizava a bola do mundo e era sus—tentada pelos ombros de um homem nu e duas jarras de Talavera, com os seus desenhos azuis já um pouco desbotados, mas conservando aquele brilho que os torna tão agradáveis à vista. As cadeiras, que eram seis, e das quais duas tinham braços, eram de espaldar alto e tinham o fundilho (com sua licença) de peluche; eram tão baixas e cômodas que muitas vezes me tenho lembrado delas e agora que aqui estou metido, ainda muito mais as recordo.

Minha mulher e eu passávamos as horas a gozar aquela comodidade e, como já lhe disse, nem púnhamos o pé na rua. Que nos interessava o que se passava na rua, se ali tínhamos tudo o que no resto da cidade não nos podiam oferecer? Mas má coisa é a desgraça, acredite. A felicidade daqueles dias era tão completa que eu já começava a estranhar.

Ao terceiro dia, um sábado, vimo-nos metidos numa embrulhada.

Uma turbamulta de rapazio, ao saber que por ali andava a Guarda Civil, acercou-se da porta e fez tal barulheira que, durante mais de um mês, não nos saiu dos ouvidos. Que crueldade despertará nas crianças a presença de presos? Olhavam-nos como se fôssemos animais estranhos; com olhos cheios de fogo e um sorriso maldoso nos cantos da boca, fitavam-nos como se olhassem uma ovelha abatida no matadouro — uma ovelha em cujo sangue molham as alpargatas — ou um cão que tivesse sido atropelado por um carro — e no qual eles mexem com um pau para ver se ainda está vivo — ou ainda como se olhassem os cinco gatinhos acabados de nascer e por alguém afogados num caldeirão, aqueles cinco gatinhos que eles próprios apedrejam ou atiram ao ar para lhes prolongar a vida — tanto mal lhes querem — e evitar que deixem de sofrer tão depressa. De princípio atarantou-me a chegada da Guarda e, embora fizesse esforços para aparentar serenidade, a verdade é que a minha perturbação era tal que certamente foi notada. Com a Guarda Civil vinha um rapaz aí dos seus vinte e cinco anos, neto da velha que a égua tinha derrubado, espigado e presumido como são os rapazes daquela idade, e isso foi a minha providência porque, com os homens, como Vossa Senhoria bem o sabe, não há melhor coisa do que saber usar as palavras e fazer soar a bolsa; assim, mal lhe chamei simpático e lhe meti seis pesetas na mão, logo se pôs a andar mais veloz do que uma faúlha e mais alegre do que um par de castanholas, e pedindo a Deus — quase que o posso jurar — que muitas vezes a avó fosse espezinha pelos cavalos. O da Guarda Civil, talvez porque a parte ofendida depressa entrou num acordo, revirou os bigodes, pigarreou, falou-me do perigo das esporas aguçadas e — o que era o principal — também desandou sem me incomodar mais.

Lola ficou transida de medo com aquela visita, mas como, realmente, não era mulher covarde, embora assustadiça, mal passaram os primeiros momentos, logo se recompôs e imediatamente lhe voltou a cor às faces, o brilho aos olhos e o sorriso aos lábios e de novo ficou tão bonitinha e bem-aparentada como sempre.

Foi naquele momento — bem me recordo que notei pela primeira vez qualquer coisa de estranho no seu ventre e o vê-la assim pôs-me uma angústia no coração, angústia que veio tranquilizar a minha consciência, pois preocupado andava com a ideia de ainda não ter sentido palpar o nosso primeiro filho. Notava-se ainda muito pouco e talvez mesmo não tivesse dado por isso se não soubesse do seu estado.

Em Mérida compramos algumas bugigangas para a nossa casa, mas como o dinheiro que tínhamos não era muito e, além disso, tinha sido

desfalcado com as seis pesetas que dei ao neto da velha atropelada, decidi regressar à vila por não me parecer coisa de homem prudente deixar esgotar a bolsa até o último chavo. Tornei a aparelhar a égua com o selim e as rédeas de festa que o senhor Vicente me emprestara e a colocar-lhe a manta no arção; com Lola na garupa, como à ida, voltei para Torremejía. Como a minha casa ficava, Vossa Senhoria bem sabe, no caminho de Almendralejo e como nós vínhamos de Mérida, tivemos de atravessar a vila, de forma que todas as vizinhas, por ser ao fim da tarde, puderam ver-nos chegar com o nosso ar todo marcial e mostrar-nos o seu carinho (que então havia) com a boa recepção que nos fizeram. Apeei-me saltando sobre a cabeça da égua para não magoar Lola com uma pezada e fui recebido pelos meus companheiros de trabalho e pela rapaziada amiga com grande algazarra e com eles fui, quase levado em bolandas, até a taberna de Martinete, o Galo, onde entramos de roldão a cantar e onde o dono me deu um abraço apertando-me contra a barriga, de tal forma que pouco faltou para me fazer agoniar com o cheiro a vinho branco que deitava pela boca. Beijei Lola na testa e mandei-a para casa para cumprimentar as amigas e que esperasse por mim; ela seguiu sozinha, toda empertigada sobre a linda égua, direita e orgulhosa como uma princesa, e alheia — como sempre acontecia — à ideia de que animal havia de ser a causa do primeiro desgosto.

Como na taberna havia uma guitarra, muito vinho e boa disposição, estávamos todos muito alegres e radiantes, distraídos com as nossas coisas e esquecidos de que entre o cantar e o vinho que bebíamos o tempo ia passando. Zacarias, o filho do senhor Julião, agarrou-se às seguidillas. Dava gosto ouvi-lo com a sua voz tão suave como a de um pintassilgo! Quando cantava, os demais — enquanto estivéssemos serenos — calávamo-nos a escutar como que adormecidos, mas quando o vinho e a conversa começaram a aquecer-nos, pusemo-nos em volta dele a cantar e embora as nossas vozes não fossem bem timbradas, como se cantaram coisas divertidas tudo nos era perdoado.

É uma pena que nunca se saiba onde nos levam as alegrias dos homens, porque, se soubéssemos, não há dúvida de que um ou outro desgosto haveríamos de evitar; digo isto porque o serão na taberna de O Galo acabou tristemente devido ao fato de não termos sabido, na devida altura, ter mão em nós. O fato foi bem simples, tão simples como sempre são as coisas que mais vêm complicar-nos a vida.

Costuma dizer-se que pela boca morre o peixe; diz-se também que quem muito fala pouco acerta e ainda que em boca fechada não entra

mosca; à fé de que alguma coisa de verdade há nestes dizeres, porque se o Zacarias se tivesse calado como Deus manda e não se houvesse metido numa camisa de onze varas, talvez se tivesse evitado um aborrecimento e hoje não andasse ele com as suas três cicatrizes a servirem para anunciar a chuva aos vizinhos. O vinho não é bom conselheiro.

Zacarias, no meio da brincadeira e para se dar ares de engraçado, cantou não sei o quê que se tinha passado acerca de um pombinho ladrão; que naquele momento eu ia jurar — e ainda hoje o juro — que o tipo se queria referir a mim; nunca fui susceptível, é um fato, mas há coisas que nos parecem ser tão diretas que não há forma de uma pessoa não se sentir alvejada ou de se manter à parte. Chamei-lhe a atenção: — Pois não vejo onde esteja a graça! — Mas todos a viram, Pascual.

— Talvez, não digo o contrário, mas o que digo é que não me parece decente contar coisas da vida de cada um para fazer rir os outros.

— Não te piques, Pascual; já sabes, o que se pica.

— E também não me parece de homens vir com insultos disfarçados de brincadeiras.

— Isso não é comigo.

— Não, talvez seja com o governador.

— Bem fraco homem me pareces para o muito que ameaças.

— E que cumpro.

— Que cumpres? — Sim.

Pus-me de pé.

— Queres saltar ali para a rua? — Como queiras.

— Estás muito valente.

Os amigos puseram-se de lado, porque nunca foi coisa de homens meterem-se para evitarem um desforço.

Abri a navalha lentamente; em tais momentos uma precipitação, uma falha, pode ser-nos de funestas consequências. Podia-se ouvir o voo de uma mosca, tal o silêncio.

Levantei-me, dirigi-me a ele e antes de lhe dar tempo para se pôr em guarda, dei-lhe três navalhadas que o deixei a cambalear. Quando o levaram a caminho da botica de D. Raimundo, o sangue saltava-lhe como se fosse de uma nascente.

Desandei para casa acompanhado de três ou de quatro dos mais íntimos, mas aborrecido com o que acontecera.

— Já foi pouca sorte. só com três dias de casado.

Seguíamos calados, com a cabeça pendida, pesarosos.

— Foi ele que assim o quis; tenho a consciência bem tranquila. Se ele não se pusesse para ali a falar!..

— Não penses mais nisso, Pascual.

— Caramba, homem, é o que sinto! Depois do que se passou!

Era já madrugada e os galos lançavam no ar os seus pregões. O campo cheirava a estevas e a rosmaninho.

— Onde é que lhe acertei? — Num ombro.

— E foram muitas? — Três.

— Passará? — Sim, homem. Creio que passa! — Oxalá.

Nunca a minha casa me pareceu tão longe da povoação como naquela noite.

— Está frio.

— Não sei, eu cá não sinto.

— Então será de mim.

— Pode ser.

Passamos junto do cemitério.

— Ali não se deve estar lá muito bem! — Caramba, homem! Porque dizes isso? Que diabo de ideias.

— É o que vê! O cipreste parecia um fantasma, alto e seco, como se fosse uma sentinela dos mortos.

— É feio aquele cipreste.

— Muito feio.

No cipreste uma coruja, pássaro de mau agouro, fazia ouvir o seu grito misterioso.

— É um pássaro antipático.

— Antipático.

— E está ali todas as noites.

— Todas.

— Parece que gosta de acompanhar os mortos.

— Pois parece.

— O que é que tens? — Nada! Não tenho nada! São manias minhas. Olhei para o Domingos; estava pálido como um agonizante.

— Sentes-te mal?

- Não.
- Tens medo?
- Medo, eu? Do que é que teria medo?
- De nada, homem, de nada; era só para dizer qualquer coisa.

O menino Sebastião interveio: — Vamos, calem-se: vejam lá se agora se pegam os dois.

- Não.
- Ainda falta muito, Pascual?
- Já falta pouco, por quê?
- Por nada.

A casa parecia ter sido puxada por uma mão misteriosa que a tivesse arrastado para longe.

- Queres que a gente entre?
- Não, homem! Já deve haver alguma luz acesa! Tornamos a calar-

nos. Já pouco faltava.

- É ali?
- É.
- Então por que é que não dizias?
- Para quê? Não sabias?

Estranhei o silêncio que havia em minha casa. As mulheres, segundo o costume, ainda ali deviam estar e Vossa Senhoria bem sabe como elas costumam levantar a voz quando falam.

- Parece que estão dormindo.
- Não me parece. Está uma luz acesa. Aproximamo-nos da casa;

efetivamente havia uma luz.

A senhora Engrácia estava à porta; quando falava arrastava os esses como a coruja; se calhar até tinha a mesma cara.

- Vossemecê por aqui?
- É o que vês, filho, e estava à tua espera.
- À minha espera?
- Sim.

Aquele ar misterioso da senhora Engrácia não me agradava.

- Deixe-me entrar!
- Não entras!
- Por quê?
- Porque não!
- Era o que faltava! É a minha casa!
- Pois é, filho, e que o seja por muitos anos... Mas não podes passar.
- Mas por que é que não posso passar?

– Porque não pode ser, filho. A tua mulher não está bem!

– Não está bem?

– Não! Abortou.

– Abortou?

– Sim; a égua atirou com ela ao chão.

Araiva que levava dentro de mim não me deixava ver bem as coisas; estava tão obsidiado que nem dava pelo que me diziam.

– Onde está a égua?

– Na cocheira.

A porta da cocheira dava para o curral e era muito baixa. Agachei-me para entrar; não se via nada.

– Tó, égua!

A égua encostou-se à manjedoura: abri a navalha com cuidado; em momentos como aquele, o pôr-se um pé em falso pode ser-nos de funestas consequências.

– Tó, égua!

Tornei a ouvir cantar um galo.

– Tó, égua!

A égua afastou-se. Aproximei-me; cheguei a dar-lhe uma palmada na anca. O animal estava nervoso, como que impaciente.

– Tó, égua!

Foi coisa de um momento. Atirei-me a ela e espetei a navalha; espetei-a pelo menos umas vinte vezes.

Tinha a pele dura: muito mais dura do que a de Zacarias. Quando dali saí, sentia o braço dolorido; o sangue chegava-me até o cotovelo. O animalzinho não deu um pio; limitou-se a respirar mais fundo e mais depressa, como quando a deitavam ao macho.

Não lhe minto se lhe disser que naquele mo mento — embora depois de calmo pensasse o contrário — só me passou pela cabeça a ideia de que o aborto de Lola podia ter-se dado em solteira. Quanto fel e quantas amarguras me teria poupado.

Aquele maldito acidente deixou-me aniquilado e consumido pelas mais negras ideias e só recuperei a serenidade bem uns doze meses depois, durante os quais andei pela vila como que alheio a tudo. Um ano, ou talvez menos, depois de se ter malogrado o nascimento do nosso primeiro filho, de novo Lola ficou grávida e foi com a maior alegria que notei que, tal como da primeira vez, idêntica ansiedade e o mesmo desassossego me acometiam; o tempo decorria demasiado lento para o meu desejo de o ver passar e fazia-me andar com uma disposição danada que me acompanhava como uma sombra negra por onde quer que eu fosse.

Tornei-me insociável e bravo, apreensivo e carrancudo e, como nem minha mãe nem minha mulher entendiam grande coisa do carácter humano, andávamos todos sempre a ver de que lado rebentaria a tempestade. Era uma tensão de nervos que nos arrasava, mas que parecia mesmo que a cultivávamos com gosto; tudo nos parecia uma alusão mal intencionada ou com segundo sentido. Foram meses de um tal frenesi que nem Vossa Senhoria poderá imaginar! A ideia de que minha mulher pudesse voltar a abortar era uma mania que me punha fora de mim; os amigos achavam-me estranho e a Chispa — que então ainda vivia — parecia olhar-me com menos carinho.

Eu falava com ela, como sempre.

— Que tens?

E a cadela me olhava suplicante, abanando o rabinho muito depressa, quase gemendo, e fixava-me com uns olhos que me cortavam o coração. A ela também as crias lhe tinham morrido na barriga. Quem sabe se o animalzinho, na sua inocência, não pressentia a pena que a sua desgraça me causava. Eram três os cachorrinhos que não chegaram a nascer; os três muito iguaizinhos, pegajosos como melaço, cinzentos e viscosos como ratos. A mãe abriu uma cova entre umas moitas de rosmaninho e ali os meteu. Quando andávamos atrás dos coelhos, nos montes, e parávamos um bocado para tomar alento, a cadela, com aquele ar dolente das fêmeas sem filhos, aproximava-se da cova e cheirava-a.

Lola já ia no seu oitavo mês e a coisa marchava às mil maravilhas; quando, graças aos conselhos da senhora Engrácia, o parto de minha mulher estava a tornar-se um modelo de partos e, pelo muito tempo que já tinha passado e pelo pouco que faltava passar, tudo podia fazer supor que não seriam necessários cuidados especiais, comecei a sentir tal ansiedade e tal pressa que nem sei como não dei em doido.

Tínhamos chegado precisamente ao dia que a senhora Engrácia havia marcado e, como se Lola fosse um relógio, de tão certa que andava, com uma simplicidade e uma felicidade que me fez pasmar, veio ao mundo o meu novo filho, ou melhor dizendo, o meu primeiro filho, a quem na pia baptismal pusemos o nome de Pascual, como seu pai, este criado de Vossa Senhoria. Ao princípio pensamos pôr-lhe o nome de Eduardo, por ter nascido no dia daquele santo e ser esse o costume da terra, mas minha mulher, que naquele tempo andava carinhosa como nunca a vi insistiu em pôr-lhe o meu nome, no que gastou pouco tempo em me convencer, de tal maneira ela sabia iludir-me. Poderá parecer-lhe mentira, mas creia que então os carinhos de minha mulher tornavam-me tão vaidoso como um rapazinho que estreia um par de botas novas; e eu, isso posso jurar-lhe, agradecia-lhe de todo o meu coração.

Minha mulher, como era sã e robusta, passados dois dias estava como se nada tivesse acontecido. Vê-la, com o cabelo caído em madeixas, a dar de mamar à criança foi uma das coisas que mais me impressionaram em toda a minha vida; era uma felicidade que me compensava, e com vantagem, dos muitos maus bocados que eu tinha passado...

Eu ficava longas horas sentado aos pés da cama. Lola dizia-me em voz baixa e um pouco ruborizada: — Já te dei um.

— Sim.

— E bem bonito.

— Graças a Deus.

— Agora temos de ter muito cuidado com ele.

— Sim, agora é que temos de ter cuidado.

— Com os porcos.

A recordação do meu pobre irmão Mário vinha-me à memória; se eu tivesse um filho com a pouca sorte de Mário, eu o mataria para evitar seu sofrimento.

— Sim, com os porcos.

— E com as febres, também.

— Isso.

- E com as insolações.
- Sim, também com as insolações.

Todo eu me arrepiava só de pensar que aquele pedacinho de carne tenra que era o meu filho estava sujeito a tais perigos.

- Temos de vaciná-lo.
- Quando for mais crescidinho.
- E o manteremos sempre calçado para não cortar os pés.
- E quanto tiver sete aninhos, mandamos para a escola.
- E vou ensiná-lo a caçar.

Lola ria, era feliz! Eu também me sentia feliz (porque não sei dizer?) vendo-a tão formosa com um filho nos braços como se fosse a Virgem Maria.

- Havemos de fazer dele um homem de bem!

Como ambos estávamos longe de que Deus — que tudo põe e dispõe — nos havia de abandonar! O nosso sonho, todo o nosso bem, toda a nossa fortuna, que era o nosso filho, havíamos de acabar por perdê-lo ainda antes de começar a gatinhar. Mistérios da sorte que nos faz perder os afetos quando deles mais necessitamos. Sem encontrar uma causa que o explique, o prazer em contemplar a criança causava-me um mau pressentimento. Não sei se para meu bem se para meu mal, sempre tive uma queda especial para adivinhar as desgraças; e aquele pressentimento, como todos os outros, veio a confirmar-se passados alguns meses, como que para continuar a minha pouca sorte, aquela pouca sorte que parece ter-me perseguido.

Minha mulher continuava a falar-me do filho.

- Está se criando muito bem. Parece uma bolinha de manteiga.

Toda aquela conversa sobre a criança ia se tornando pouco a pouco odiosa; o nosso filho ia nos abandonar, deixar-nos mergulhados na pior desesperança, desabitar-nos como aquelas casas arruinadas de que se apoderam as silvas e as urtigas, os sapos e os lagartos — e eu bem o sabia, bem seguro estava disso, sugestionado por aquela fatalidade e certo de que mais tarde ou mais cedo isso teria de acontecer; e aquela certeza de não poder opor-me ao que o instinto me dizia, punha-me os nervos numa tensão desesperada.

Algumas vezes dava comigo a olhar como um inocente para Pascualzinho e os olhos, aos poucos, se enchiam de lágrimas; então falava com ele.

- Pascual, meu filho.

Ele me olhava com os seus olhos muito redondos e sorria.

Minha mulher tornava a intervir: — Pascual, o menino está bem.

- Pois está, Lola. Oxalá continue assim!
- Por que dizes isso?
- Bem vêes, as crianças são tão delicadas!
- Não sejas agourento, homem!
- Não, não sou agourento, não. Temos de ter muito cuidado!
- Pois temos!
- E de evitar algum resfriado.
- Sim. Podia ser a sua morte.
- As crianças são muito afeitas a resfriados.
- E às correntes de ar.

A conversa esmorecia, ia morrendo aos poucos como os pássaros ou como as flores, com a mesma doçura e lentidão com que pouco a pouco morrem também as crianças, as crianças apanhadas por uma corrente de ar traiçoeira.

- Tenho medo, Pascual.
- Medo do quê?
- E se o menino morre...
- Tens cada uma, mulher!
- As crianças desta idade são tão delicadas!..
- O nosso filho está bem bonito, tem as carinhas bem rosadas e um

lindo sorriso.

- Tens razão, Pascual. Sou uma boba.
- E ria muito nervosa, abraçando no peito.
- Ouve lá!
 - O que é?
 - De que morreu o filho da Cármen?
 - O que é que isso te interessa?
 - Era só para saber.
 - Dizem que morreu com um catarro.
 - Vai ver pegou alguma corrente de ar.
 - Vai ver.

– Pobre Cármen! Andava tão feliz por ter um filho! Dizia que tinha mesmo a cara do pai, lembra?

- Lembro.
- O que mais queremos é o que mais depressa se perde.
- Pois é.
- Devia-se saber quanto tempo vive cada filho.
- Cala-te.
- Por quê?
- Não posso ouvir-te!

Naquele momento, uma enxadada na cabeça não me teria deixado mais arrasado do que as palavras de Lola.

– Ouviste?

– O quê?

– A janela.

– A janela?

– Sim, chia como se o vento quisesse atravessar.

O gemido da janela, balançada pelo vento, confundia-se com uma queixa.

– O menino está dormindo?

– Está.

– Parece que está sonhando.

– Não ouço.

– Parece que está gemendo como se estivesse doente.

– São ideias tuas.

– Deus te ouça! Até arrancava os olhos.

No berço, a respiração do menino parecia o rumor do vento nos ramos das azinheiras.

– Está gemendo!

Lola foi ver o que se passava; eu fiquei na cozinha fumando um cigarro, aquele cigarro que me ocorre fumar sempre que me vejo em apuros...

O menino poucos dias durou. Quando o devolvemos à terra, tinha onze meses; onze meses de vida e de cuidados que uma corrente de ar traiçoeira derrubou.

Quem sabe se não seria Deus que me estava castigando pelos meus muitos pecados e pelo muito que ainda havia de pecar! Quem sabe se não estaria escrito na divina memória que a desgraça seria o meu único caminho, a única vereda pela qual os meus tristes dias haveriam de caminhar! Ninguém se acostuma à desgraça, creia-me, porque sempre supomos que a desgraça que estamos suportando é a última que nos sucederá, embora, depois, com o decorrer dos tempos, acabemos por nos convencer — e com que tristeza! — que o pior ainda não passou. Ocorrem-me estes pensamentos porque quando se deu o aborto de Lola e se passou aquilo das facadas com o Zacarias, julguei morrer de tristeza, não pelos fatos em si — é claro — mas apenas porque não suspeitava ainda do que havia de vir a acontecer-me.

Quando Pascualzinho morreu, três mulheres ficaram a meu lado; três mulheres às quais estava ligado por muitos laços, embora às vezes me achasse tão afastado delas como do primeiro desconhecido que passasse na estrada, tão desligado delas como do resto do mundo; e dessas três mulheres, nenhuma delas, creia-me, nenhuma soube, com o seu carinho e as suas maneiras, tornar-me mais leve a dor da morte de meu filho; pelo contrário, parecia terem-se posto de acordo para me amargurarem a vida... Essas três criaturas eram minha mulher, minha mãe e minha irmã.

Quem haveria de dizer, se tanta esperança cheguei a pôr na companhia delas! As mulheres são como as gralhas, ingratas e más...

Estavam sempre a carpir: — O anjinho que uma corrente de ar levou!..

— Para os céus para o livrar da gente!..

— Era mesmo como um sol!

— E a agonia!..

— Tão sufocadinho nos braços o tive!

Parecia uma ladainha, extenuante e lenta como as noites de vinho, vagarosa e pesada como o andar dos burros.

E assim se passavam dias após dias, semanas após semanas. Era horrível, era um castigo dos céus, uma maldição de Deus!..

Fazia tudo para me conter:

É a dor, pensava eu, que, sem elas quererem, as faz cruéis.

E tratava de não ouvir, de não fazer caso, de olhar para elas como se fossem fantoches, de não me inquietar com o que diziam...

Esperava que a pena morresse com o tempo, como as rosas colhidas,

guardando o meu silêncio como se fosse uma joia e tentando sofrer o menos possível. Vãs ilusões — que não me haviam de servir para outra coisa senão para me fazerem estranhar cada vez mais o destino dos homens —, como era possível que Deus permitisse que tomásseis corpo na minha imaginação?! Temia o pôr do Sol como quem teme o fogo ou a raiva; acender a candeia da cozinha, aí pelas sete da tarde, era o que mais me custava durante todo o dia. Todas as sombras me faziam recordar o meu filho morto... o tremeluzir da chama, todos os ruídos da noite, esses ruídos da noite que quase se não ouvem mas que soam nos nossos ouvidos como marteladas de ferro na bigorna...

Ali estavam, vestidas de negro como corvos, as três mulheres, caladas como mortos, cabisbaixas, sérias como carabineiros. Uma vez ou outra, eu dizia qualquer coisa só para romper o silêncio: — Tempo ruim...

— É...

E de novo o silêncio voltava...

Eu insistia: — Parece que o senhor Gregório já não vende a mula... Se precisa dela...

— Talvez...

— Vocês estiveram no rio?

— Não...

— E no cemitério?

— Também não...

Não havia maneira de lhes sacar palavra. A paciência que tinha para elas nunca a tinha tido e nunca mais voltei a tê-la para ninguém. Fingia que não notava o seu ar estranho, só para não precipitar uma tempestade que, apesar de tudo, havia de vir, fatal como uma doença ou um incêndio, como o amanhecer ou como a morte, porque nada era capaz de a impedir.

As maiores tragédias dos homens parecem chegar quando ninguém as espera, num passo de lobo cauteloso, assestando-nos o seu ferrão pérfido e rápido como o dos lacraus...

Ainda hoje podia desenhar aquelas três mulheres como se estivessem na minha frente, com o seu sorriso amargo e mau de fêmeas estéreis, com o seu olhar perdido léguas e léguas para lá das paredes da casa. O tempo passava dolorosamente; as palavras pareciam vindas do outro mundo...

— Já é noite fechada.

— Pois é...

Acoruja devia estar pousada no cipreste.

- Foi numa noite como esta...
- Pois foi...
- Era um pouco mais tarde...
- Pois era...
- Aquela maldita corrente de ar devia andar ainda pelos montes...
- Perdida nos olivais.
- Sim!

O silêncio voltou a encher o quarto.

- Por onde andará aquele vento?

- Aquele vento traiçoeiro!

Lola demorou algum tempo a responder.

- Não sei.

- Talvez no mar! Matando as pessoas. .

Uma leoa atacada não teria tido o mesmo furor que minha mulher.

– Para que vale uma mulher quebrar como uma granada?! Parir para que uma corrente de ar nos leve assim o filho. Não há pior castigo!

– Se o fio de água que pinga gota a gota sobre o charco tivesse, ao menos, afogado aquela corrente de ar!

— Estou sentindo os ossos do teu corpo! A tua carne de homem que não aguenta o tempo! Nem aguenta o sol de verão! Nem os frios de dezembro! Para isto criei eu os meus peitos, duros como uma pedra! Para isto criei eu a minha boca, fresca como um fruto. Para isto te dei dois filhos que não puderam aguentar o trote da égua, nem uma corrente de ar da noite! — Estava como uma louca, como que possesa de todos os demônios, raivosa e feroz como um gato bravo...

Eu ouvia calado, sem poder negar.

— És como o teu irmão!

Apunhalada à traição que minha mulher tinha prazer em me assestar. Não vale a pena apressar o passo quando no meio da planície nos vemos surpreendidos pela tempestade. Molhamo-nos do mesmo jeito e nos fatigamos mais. Os raios nos assombra, os trovões nos ensurdecem e o nosso sangue, como que espicaçado, golpeia-nos as fontes e a garganta.. — Ah!, se o teu pai visse a tua pouca força! Parece que não tens sangue nas veias! E essa mulher que tens!

Eu podia deixar aquilo continuar? O sol brilha para todos, mas a sua luz, que cega os albinos, não faz pestanejar os negros.

— Cale-se!

Minha mãe não devia censurar a minha dor, a dor que me causara a morte de meu filho, aquela criança que nos seus onze meses de vida fora toda a minha luz.

E eu disse claramente; com aquela clareza com que se deve falar.

— O fogo nos queimará, mãe.

— Que fogo?

— Esse com que a mãe brinca.

Minha mãe fez um gesto de indiferença.

— O que queres dizer com isso?

— Que nós, os homens, temos um coração duro.

— Que para nada serve.

— Serve para muito!

Não entendia; minha mãe não entendia. Olhava-me e falava. Ah!, se ela não me olhasse! — Vês os lobos que andam pelos montes, o gavião que voa até as nuvens, a víbora que se esconde entre as pedras? Pois pior que todos eles juntos é o homem!

— Por que me dizes isso?

— Por nada! Tive vontade de dizer "Porque a mataria!" Mas minha língua parou e não consegui articular palavra.

Fiquei só com minha irmã, a desgraçada, a desonrada, aquela cuja presença fazia corar as mulheres decentes.

— Ouviste?

— Ouvi.

— Nunca pensei semelhante coisa!

— Nem eu.

— Nunca pensei que fosse um homem amaldiçoado.

— Mas não és.

Levantou-se o vento nos montes, aquele vento traiçoeiro que andava nos olivais e que talvez chegasse ao mar atravessando as criaturas. Fazia a janela chiar num gemido.

Rosário estava chorosa.

— Por que dizes que és um homem amaldiçoado?

— Não sou eu quem diz. São essas duas mulheres.

Achama da candeia subia e descia como a respiração; na cozinha cheirava a acetileno, um cheiro forte e agradável que nos queima os nervos, que nos excita as carnes, estas minhas pobres carnes que naquela altura tanta falta tinham de uma excitação qualquer.

Minha irmã estava pálida; a vida que levava deixava-lhe um sinal cruel nas olheiras. Eu a amava com ternura, com a mesma ternura com que ela me amava.

— Rosário, minha irmã.

— Pascual.

— É triste o que ainda nos espera.

— Deixa, que tudo se arranjará.

— Deus queira!

Minha mãe tornava a insistir: — Não vejo nenhum arranjo.

E minha mulher, ruim como as cobras, sorria maldosamente.

— É triste só confiar em Deus! Deus está lá no alto e nos olha como uma águia; não lhe escapa nada.

— E se Deus quiser?

— Não vai querer.

Mata-se sem pensar, disso tenho eu a prova; e, às vezes, sem querer. Odeia-se, odeia-se profundamente, ferozmente, e abre-se a navalha e com ela bem aberta, descalço, chega-se junto à cama onde dorme o inimigo. É noite, mas pela janela entra o clarão da Lua; vê-se bem. Sobre a cama está deitado o morto, o que virá a ser morto. Olha-se para ele, ouve-se a

respiração; e ele não se move, está tranquilo como se nada fosse acontecer. Como o quarto é velho, os móveis assustam-se com o seu ranger que poderia despertar o inimigo e então teríamos de precipitar as punhaladas. O inimigo ergue um pouco o tronco e volta-se para o outro lado; e continua a dormir. O seu corpo faz um grande vulto; a roupa engana-nos. A gente aproxima-se com cautela; toca-lhe cuidadosamente com a mão. Está a dormir, a dormir profundamente; nem daria por nada.

Mas não se pode matar assim; só os assassinos. E então a gente pensa em voltar atrás, em desandar. Não; não é possível. Já estava tudo demasiado bem pensado; era um instante, só um breve instante e depois.

Mas já não é possível voltar atrás. E vai chegar o dia em que não poderemos aguentar mais o olhar do inimigo, aquele olhar que se crava em nós mesmos sem querer.

Temos de fugir; de fugir para longe, para onde ninguém nos conheça, onde se possa começar a odiar com novos ódios. O ódio leva anos a incubar; a gente já não é criança e quando o ódio chega a crescer e a apertar-nos os pulsos, a nossa vida está perdida. O coração não poderá ter mais fel e acabaremos por deixar cair os braços sem forças.

HÁ quase um mês que não escrevo; tenho estado de barriga para o ar, deitado sobre a enxerga, a ver passar as horas que, às vezes, parecem ter asas e, outras vezes, parecem ser paralíticas, deixando voar livremente a imaginação, que é a única coisa que em mim ainda pode livremente voar, olhando os buracos do tecto e procurando-lhes as parecenças; tem-me sido dado gozar aqui, à minha maneira, a vida como ainda não a tinha gozado até hoje: apesar de todas as penas e preocupações.

Quando a paz invade as almas pecadoras é como a água quando cai sobre os alqueives: fecunda a terra seca e reverdece os plantios. Falo-lhe assim porque muito tempo levei a compreender que a tranquilidade é como a benção dos céus, como a mais bendita bênção que aos pobres e aos atormentados nos é dado esperar; e agora já o sei; agora que a tranquilidade me acompanha com o seu amor, desfruto-a com um frenesi e um regozijo que até temo que, pelo pouco tempo que me resta — e já bem pouco me resta! —, eu a esgote antes do tempo provável que se a paz me tivesse chegado alguns anos antes, eu fosse a estas horas, pelo menos, um frade cartucho, porque tal luz e tal bem-estar vi nesta tranquilidade que com certeza ela me teria então fascinado como agora me fascina. Mas não quis Deus que isso acontecesse e encontro-me hoje numa prisão e com uma condenação sobre a cabeça; não sei se não seria melhor cair já morto do que prolongar esta agonia, à qual, apesar de tudo, me agarro afincadamente, cada vez com mais carinho, como se isto me tornasse o viver mais suave. Vossa Senhoria sabe muito bem o que quero dizer.

Durante este longo mês que levei a pensar, tudo parou para mim: a dor e a alegria, o prazer e a tristeza, a fé e a desgraça e a desesperança. Meu Deus, que fraca criatura escolheste para experimentar! Todo eu tremia quando um estado de alma me abandonava para dar lugar a outro; e assomavam-me aos olhos duas lágrimas temerosas. É muito passar trinta dias seguidos a pensar na mesma coisa, embrenhado nos mais profundos remorsos, somente preocupado com a ideia de que todas as faltas cometidas vão nos ao inferno. Invejo o eremita que tem a bondade estampada no rosto, os pássaros do céu, os peixes do mar e até os animais dos montados porque têm a memória tranquila. Coisa má é o tempo que se viveu no pecado! Confessei-me ontem; fui eu próprio que mostrei ao sacerdote esse desejo. Veio um padrezinho velho e sem barba, o padre Santiago Luruena,

bondoso e inquieto, caritativo e mexido como uma formiga.

É o capelão, o que diz a missa aos domingos, aquela missa ouvida por uma centena de assassinos, meia dúzia de guardas e dois pares de freiras.

Quando o capelão entrou, recebi-o de pé.

— Boas tardes, padre.

— Olá, meu filho; disseram-me que me chamaste.

— Sim, senhor; chamei-o.

O padre acercou-se de mim e beijou-me na testa. Há muitos anos que ninguém me beijava.

— Queres confessar-te?

— Sim, padre.

— Dás-me uma grande alegria, meu filho!

— Também estou contente, padre.

— Deus tudo perdoa; Deus é muito bondoso.

— Sim, padre.

— E alegra-se com o regresso da ovelha tresmalhada.

— Sim, padre. O filho pródigo que volta ao lar.

Apertava-me a mão com carinho e olhava-me nos olhos como que desejando que eu melhor o compreendesse.

— A fé é como a luz que guia as nossas almas através das trevas da vida.

— Pois é.

— É um bálsamo milagroso para as almas que padecem.

O padre Santiago estava emocionado, a sua voz tremia como a de uma criança tímida. Olhou-me sorridente, com um sorriso que parecia o de um santo.

— Sabes o que é a confissão?

Acovardava-me responder; apenas disse com uma voz sumida: — Não muito bem.

— Não te preocupes, meu filho; ninguém nasce ensinado.

Então o padre Santiago explicou-me algumas coisas que não entendi lá muito bem; contudo, deviam ser verdade porque soavam a verdade. Estivemos a falar muito tempo, quase toda a tarde; quando acabamos de conversar, já o Sol tinha passado a linha do horizonte.

— Prepara-te para receber o perdão, meu filho, o perdão que te dou em nome de Deus Nosso Senhor. Reza comigo o Ato de Contrição.

Quando D. Santiago me deu a bênção, tive de fazer um esforço extraordinário para a receber sem albergar pensamentos sinistros na cabeça; garanto-lhe que a recebi o melhor que pude. Passei por muita vergonha,

muitíssima, mas nenhuma me pareceu tão grande.

Não pude pregar olho durante toda a noite; hoje sinto-me fatigado e abatido como se me tivessem dado uma paulada na cabeça; apesar disso, como já aqui tenho mais um maço de folhas de papel que pedi ao diretor e como deste abatimento em que me afundo não posso sair senão escrevinhando folhas e mais folhas, vou de novo retomar o fio à meada e dar um empurrão à memória para ver se acabo esta narrativa. Veremos se terei forças suficientes, que bastante me vão faltando. Quando penso que se precipitar um pouco mais os acontecimentos a minha narrativa se expõe a reduzir-se a metade e a ficar como que mutilada, sinto uma tal gana e pressa que me vejo e desejo para as dominar, porque penso que escrevendo, como escrevo, aos poucos e com os cinco sentidos postos no que faço, a história não me sairá muito clara e muito menos sairia se a contasse num jato e tão desajeitado e desordenada haveria de ficar que nem mesmo o seu pai que sou eu — a reconheceria como filha.

Para contar estas coisas, em que a memória tão grande parte desempenha, há que ter a maior atenção, porque, se misturasse os acontecimentos, não teria outro remédio senão rasgar todas estas folhas e recomençar, solução que ponho de parte porque as segundas tentativas nunca são boas. Talvez Vossa Senhoria ache presumido o meu esmero para que estas coisas secundárias saiam devidamente, quando nos princípios tão mal procedi, e talvez pense, com um sorriso nos lábios, que é muita pretensão da minha parte tentar apurar-me para que saia melhor que isto que qualquer pessoa instruída faria com tanta naturalidade e sem lhe custar; mas se tiver em conta o esforço que para mim representa o fato de estar há quatro meses seguidos a escrever quase sem parar e que em toda a minha vida nada fiz de comparável, é possível que encontre uma desculpa para os meus escrúpulos.

As coisas nunca são como à primeira vista nos parecem e sucede assim que quando começamos a vê-las mais de perto, quando começamos a trabalhar nelas, elas se nos apresentam tão estranhas e com aspectos tão desconhecidos, que da primeira ideia não nos deixam sequer uma recordação: o mesmo se passa com as caras que só imaginamos, com as terras que vamos conhecer e cuja ideia que tínhamos na cabeça logo se desfaz quando repentinamente elas surgem perante os nossos olhos. Foi o que aconteceu com toda esta papelada, que se ao princípio pensei que em oito dias a despacharia, hoje — ao cabo de cento e vinte —, me faz sorrir da minha inocência.

Não acredito que seja pecado contar barbaridades de que já nos arrependemos. D. Santiago disse-me que, se o fizesse, isso me traria alívio; e como na realidade mo traz e é de esperar que D. Santiago não erre em matéria de mandamentos, não vejo no que possa ofender a Deus em continuar esta narrativa. Há ocasiões em que me custa contar tintim-por-tintim todos os pormenores, insignificantes ou não, da minha triste vida, mas, e como que para compensar, momentos há também em que sinto um prazer honesto em recordar; talvez seja por estar a contar o que já está tão distante que até me parece uma história que estou a ouvir a outra pessoa. Boa diferença vai entre o passado e aquilo que eu procuraria que acontecesse se pudesse recomeçar! Mas tenho de me conformar com o inevitável, com o que não tem solução possível; o que está feito, está feito... e agora só me resta evitar tornar a fazer o mesmo, que bem o evito embora ajudado – é certo – pela prisão. Não quero exagerar a nota da minha mansidão nesta última hora da minha vida, porque imagino ouvir na boca de Vossa Senhoria o velho ditado que diz: depois de casa roubada trancas na porta; apesar disso, quero pôr os pontos nos is e dizer-lhe que o meu viver seria um exemplo, se tudo tivesse decorrido pelos suaves caminhos de hoje.

Vou continuar. Um mês inteiro sem escrever é muita calma para quem tem os dias contados e demasiada tranquilidade para quem a vida forçou a ser intranquilo.

Não perdi muito tempo a preparar a fuga; há assuntos que não admitem espera e este era um deles. Despejei a arca no saco, a despensa no alforje e o lastro dos maus pensamentos no fundo do poço e aproveitando a noite como um ladrão, atravessei um atalho, meti à estrada e comecei a caminhar — sem saber para onde ia, campo adiante e tão depressa que quando amanheceu me sentia cansado até os ossos e a vila ficava já bem umas três léguas para trás. Como não queria demorar-me por ali, pois naquelas terras podia haver alguém que me conhecesse, deitei-me à sombra de um olival e passei um pouco pelo sono, comi qualquer coisa das reservas que levava e continuei o meu caminho, com a ideia de tomar o comboio na primeira estação que encontrasse. As pessoas olhavam-me admiradas, talvez pelo meu aspecto de vagabundo, e quando atravessava os povoados, as crianças seguiam-me curiosas como seguem os ciganos ou os saltimbancos; os seus olhos inquietos e os seus gestos infantis, longe de me molestarem, eram-me agradáveis; e se não fosse eu temer as mulheres como quem teme a peste, até me teria atrevido a dar-lhes alguma coisa do que para mim levava.

Fui apanhar o comboio a Don Benito e pedi um bilhete para Madrid, não com o desejo de ficar na capital mas de continuar até qualquer sítio donde me fosse possível depois alcançar as Américas; a viagem foi agradável, porque a carruagem onde eu seguia não era má e porque era uma novidade para mim ver assim passar o campo como se uma mão invisível o puxasse; quando vi toda a gente descer do comboio, compreendi que tinha chegado a Madrid; tão longe me julgava da capital que o coração me deu um salto no peito — esse salto que o coração dá sempre quando nos encontramos perante uma realidade sem remédio, uma realidade que supomos ainda longe de nós.

Como estava bem informado da muita velhacaria que havia em Madrid e como chegamos de noite, hora favorável para os vigaristas e ladrões me tornarem sua presa, pensei que o mais prudente seria esperar pela manhã para procurar alojamento e aguentar aquelas horas a dormir num dos muitos bancos que havia na estação. Assim fiz; procurei um dos do fim da estação, um pouco afastado do bulício, instalei-me o mais comodamente que me foi possível e sem qualquer outra proteção além da do meu anjo da guarda, adormeci que nem uma pedra, embora o meu desejo

fosse fazer como as perdizes que dormem com um olho fechado e outro aberto para ver o que se passa. Dormi profundamente, quase até de manhã e quando acordei senti um tal frio nos ossos e uma tal umidade no corpo que pensei que o melhor seria não parar nem um só momento mais; saí da estação e aproximei-me de um grupo de trabalhadores que estava em volta de uma fogueira e, tendo sido bem recebido por eles, pude aquecer-me junto do lume. A conversa, que ao princípio estava morta, em breve se animou e como aqueles tipos me pareciam boa gente — e do que eu mais necessitava em Madrid era de amigos — mandei um garoto que por ali andava buscar um litro de vinho, vinho de que nem eu nem os que comigo estavam bebemos uma gota, porque o miúdo, que devia ser mais esperto que o diabo, se passou com o dinheiro e não tornamos a ver-lhe a pele. Mas como a minha ideia era de os obsequiar e como, apesar do muito que riam da proeza do rapazinho, o meu interesse era arranjar amizades, esperei que amanhecesse completamente e fui com eles até um botequim onde paguei um café a cada um, o que fez com que me ficassem muito gratos. Falei-lhes de alojamento e um deles — Angelo Estevez, assim se chamava — ofereceu-se para me hospedar em sua própria casa, com comida duas vezes por dia, tudo por dez reais, preço que de momento ' não me pareceu caro, embora me saísse depois, nos dias em que estive em Madrid e em sua casa por mais outros dez reais, pelo menos, que era quanto Estevez me ganhava todas as noites ao jogo do sete-e-meio, a que tanto ele como a mulher eram muito aficionados.

Não estive muitos dias em Madrid, talvez nem quinze e o tempo em que lá me conservei gastei-o a divertir-me o mais barato que podia e a comprar algumas coisas de que necessitava e que encontrei por bons preços na Rua de Postas e na Plaza Mayor; à tarde, quase ao pôr do Sol, ia gastar uma peseta num café-concerto que havia na Rua da Aduana — o Eden Concert — e ali me deixava ficar a ver as artistas, até a hora do jantar, hora em que me dirigia à água-furtada do Estevez na Rua da Ternera. Quando eu chegava, regra geral já ali o encontrava; a mulher tirava o cozido da panela, comíamos e depois, na companhia de dois vizinhos que lá iam todas as noites, e em volta da braseira, com os pés bem quentes, jogávamos cartas até altas horas. Aquela vida era-me agradável e se não tivesse o propósito de não tornar a pôr os pés na minha terra, teria ficado em Madrid até gastar o último centavo. A casa do meu hospedeiro parecia-me um pombal, tão alta e empoleirada estava; mas como não abriam as janelas e tinham a braseira

acesa todo o dia e toda a noite, sentíamos-nos ali muito bem, sobretudo quando nos sentávamos e púnhamos as pernas sob o pano da mesa. O quarto que me destinaram tinha o tecto inclinado e era tão baixo que, por mais de uma vez, até me acostumar, bati com a cabeça numa das traves de madeira. Mas depois, conforme me fui habituando, já conhecia todos os recantos do quarto e até era capaz de, mesmo às escuras, me deitar na cama. Tudo vai com o hábito.

Amulher do Estevez, que segundo ela me disse se chamava Conceição Castillo López, era jovem, miúda, tinha uma cara gaiata que a tornava simpática e era vaidosa e viva como todas as madrilenas; olhava para mim à vontade e falava de qualquer assunto, mas depressa demonstrou — tão depressa quanto eu lhe dei ocasião — que com ela não havia nada a fazer, nem dela havia qualquer coisa a esperar. Estava enamorada do marido e para ela não havia outro homem senão ele; e foi pena, porque era bonita e agradável como poucas, apesar de me parecer tão diferente das mulheres da minha terra; mas como nunca me deu ocasião para qualquer coisa e, por outro lado, como eu andava um pouco acovardado, ela foi-se escapando e crescendo perante os meus olhos até que chegou o dia em que podia olhar para ela sem sequer pensar que se tratava d uma mulher. O marido era ciumento que nem um sultão e devia fiar-se pouco, porque nem sequer a deixava chegar à janela; recordo-me de que num domingo em que me convidou para dar um passeio com eles, à tarde, pelo Retiro, Estevez passou todo o tempo a ver se a mulher olhava para este ou para aquele, o que ela suportava com satisfação e com uma expressão de carinho no rosto que era o que mais me desorientava por ser o que eu menos esperava. No Retiro, andamos a passear em volta do lago; em dada altura o Estevez pôs-se a discutir, aos gritos, com um que por ali passava e tais palavras tão rebuscadas disseram um ao outro que eu nem cheguei a compreender o que diziam; discutiram porque, pelos vistos, o outro tinha olhado para a Conceição, mas o que mais me espantou foi o fato de com a porção de insultos que disseram nem sequer fizeram o mais pequeno gesto de se baterem. Chamaram nomes às mães um do outro, no meio dos maiores gritos, chamaram-se chulos e cornudos e ofereceram-se para comerem os fígados um ao outro, mas, o mais curioso, é que nem sequer se tocaram. Eu estava assustado por tão estranhos costumes, mas, como é natural, não me meti na questão, embora me tivesse preparado para defender o amigo. Quando se fartaram de dizer inconveniências viraram as costas e cada um

seguiu o seu caminho.

Assim até dá gosto! Se os homens do campo tivessem o palavrório dos da cidade, as prisões estariam desertas como ilhas...

Ao fim de duas semanas, e quando ainda não tinha visto tudo quanto há para ver em Madrid, decidi retomar a marcha até onde tinha fixado a minha meta; arrumei numa maleta que comprei a pouca bagagem que levava comigo, tirei o bilhete de comboio e, acompanhado pelo Estevez que não me abandonou até o último momento, fui para a estação — que não era a mesma por onde eu tinha chegado — e empreendi a minha viagem para a Corunha que, segundo me asseguraram, era o porto de passagem dos barcos que vão para as Américas. A viagem até aquele porto foi mais lenta do que a que fiz da minha terra a Madrid, porque a distância era maior; mas, como a noite se meteu pelo meio e eu não sou homem a quem o ruído do comboio impeça de dormir, passou-se mais depressa do que supunha e os companheiros me diziam; pouco depois de ter acordado, encontrei-me junto do mar — que foi uma das coisas que mais me espantaram em toda a minha vida, por tão grande e profundo me ter parecido.

Quando comecei a dar os primeiros passos para tratar do meu assunto, imediatamente dei conta da minha ingenuidade em pensar que as pesetas que trazia no bolso me chegariam para comprar a passagem para a América. Nunca até então tinha pensado como era cara uma viagem por mar! Fui à Agência, bati a um dos postigos, mandaram-me para outro, esperei numa bicha durante três horas e quando cheguei junto do empregado e comecei a fazer perguntas sobre qual o destino que devia tomar e quanto dinheiro me era necessário, ele — sem dizer palavra, deu meia volta e estendeu-me um papel.

— Itinerários. tarifas. Saídas da Corunha todos os dias cinco e vinte.

Tentei persuadi-lo de que o meu desejo era falar com ele acerca da minha viagem, mas foi inútil. Respondeu-me com tal secura que me deixou desorientado.

— Não insista.

Fui-me embora com os itinerários e as tarifas na mão e procurando não esquecer os dias das saídas. Que remédio! Na casa onde eu me tinha alojado vivia um sargento de artilharia que se ofereceu para me decifrar o que diziam os papéis que me tinham dado na Agência e quando me falou do preço e das condições de pagamento, caiu-me a alma aos pés por ter visto que nem sequer tinha dinheiro para metade. O problema que se me apresentava não era dos mais pequenos e eu não lhe encontrava solução; o

sargento, que se chamava Adriano Nogueira, dava-me esperanças — ele também por lá andara — e estava sempre a falar-me de Havana e até de Nova Iorque. Eu — não vale a pena ocultar — ouvia-o embasbacado e com uma inveja como nunca tinha sentido; mas como via que todo aquele falatório só servia para me fazer arregalar ainda mais os olhos, um dia pedi-lhe para que não prosseguisse, porque já tinha decidido não ir para a América. O homem ficou com uma cara de espanto, mas como era um indivíduo discreto e reservado como todos os galegos, não tornou a tocar no assunto.

Fiquei com a cabeça tonta de tanto pensar no que havia de fazer e como qualquer solução que não fosse a de voltar à minha terra me parecia aceitável, lancei mão de tudo o que se me deparou; carreguei malas na estação e fardos nos cais, lavei pratos na cozinha do Hotel Ferrocarrilana, fui guarda-noturno na Fábrica de Tabacos e fiz de tudo um pouco até que acabei por ir servir para a casa da Apacha, na Rua do Papagaio, à esquerda de quem sobe, onde o meu serviço era pôr na rua aqueles que para lá iam só para fazer banzé.

Estive aí ano e meio — que, com os seis meses que já tinham passado desde que saíra de casa, me fazia recordar a terra com mais frequência do que julgara possível; ao princípio era só de noite, quando me metia na cama que me armavam na cozinha, mas pouco a pouco aquelas recordações foram-se estendendo durante horas e horas, até que chegou o dia em que a morrinha, — como dizem na Corunha -me invadia de tal maneira Morrinha, nevoeiro. Em galego, metáfora de tristeza. (N. do T.) que pouco me faltava já para tornar a ver-me no meu casebre. Pensava que havia de ser bem recebido pela minha família — o tempo tudo cura e o desejo cresce dentro de mim como o bolor cresce na umidade. Pedi dinheiro emprestado que bastante trabalho me custou a encontrar, mas que, como tudo, consegui, e um belo dia, depois de me despedir de todos os que me tinham protegido e auxiliado, com a Apacha em primeiro lugar, iniciei a viagem de regresso à terra, a viagem que teria tido um tão feliz termo se o diabo não se houvesse empenhado em ter feito das suas em minha casa e com a minha mulher durante a minha ausência. Na verdade não deixa de ser natural que minha mulher, que então era jovem e bonita, sentisse demasiado — para o pouco instruída que era — a falta do marido, a minha fuga — aliás o meu maior pecado, aquele que nunca devia ter cometido e o que Deus quis castigar talvez com excessiva crueldade...

Tinham-se passado sete dias após a minha chegada, quando minha mulher, que com tanto carinho, pelo menos na aparência, me havia recebido, me interrompeu os sonhos para dizer: — Estou a pensar que te recebi com muita frieza.

— Não, mulher!

— Sabes?, não te esperava; nem queria acreditar que eras tu.

— Mas agora estás contente, não é?

— Sim, agora estou contente.

Lola estava como que mudada; em tudo se notava essa mudança.

— Lembravas muito de mim?

— Lembrava; por que achas que voltei?

Minha mulher ficou calada durante alguns momentos.

— Dois anos é muito tempo.

— Muito, mesmo.

— E em dois anos o mundo dá muitas voltas...

— Duas, disse-me um marinheiro da Corunha.

— Não me fales da Corunha!

— Por quê?!

— Porque não. Oxalá não houvesse tal terra!

Baixou a voz para dizer isso e seu olhar era como um bosque cheio de sombras.

— Muitas voltas.

— Muitas!

— E eu pensava cá comigo: há dois anos que se foi, Deus o levou para si.

— Que queres dizer?

— Nada!

Lola desatou a chorar amarguradamente. Com uma voz muito sumida, confessou: — Vou ter um filho...

— Outro filho?

— Sim.

Fiquei assustado.

— De quem?

— Não me perguntes!

— Não te pergunto? Mas quero perguntar! Sou teu marido!

Ela ergueu a voz. — O meu marido quer me matar! Ele que me abandonou durante dois anos! Ele que fugiu de mim como se fosse uma

leprosa! O meu marido...

— Cala-te!

Sim; o melhor era ela calar-se, dizia-me a consciência. O melhor era deixar que o tempo passasse, que a criança nascesse... Os vizinhos começariam a falar das proezas de minha mulher, olhar-me-iam de lado, começariam a cochichar em voz baixa quando eu passasse...

— Queres que chame a senhora Engrácia?

— Já me viu.

— E o que disse ela?

— Que corre tudo bem.

— Não é isso... Não é isso...

— O que é que queres?

— Nada... que convém que arranjemos a coisa entre nós.

Minha mulher olhou-me com uma expressão suplicante.

— Pascual! Serias capaz?

— Sim, Lola, muito capaz. Acaso seria o primeiro?

— Pascual, sinto-o mais forte do que nenhum, sinto que vai viver..

— Para minha desonra!

— Ou para tua sorte... Quem é que sabe?

— Quem? Sabe-se!

Lola sorria com um sorriso de criança maltratada, um sorriso que magoava.

— Talvez ninguém venha a saber!

Não me sentia mau — Deus bem o sabe —, mas a gente está atada aos costumes como os burros aos cabrestos... Se a minha condição de homem me tivesse permitido perdoar, teria perdoado, mas o mundo é como é e o querer navegar contra a corrente não é senão um vão intento.

— Será melhor chamá-la!

— A senhora Engrácia?

— Sim!

— Não, por Deus! Outro aborto? Estar sempre a parir só por parir, criando esterco.

Arrojou-se ao chão e beijou-me os pés.

— Dou-te a vida se é isso que me pedes!

— Não a quero para nada.

— Tira-me os olhos e o sangue por te ter ofendido!

— Para que me servem?

— Tens os meus peitos, os meus cabelos, os meus dentes! Dou-te o que queiras, mas não me tires o filho que vou ter, que só para ele vivo eu!

O melhor era deixá-la chorar, chorar à vontade até se cansar e ficar com os nervos esfrangalhados, mas mais tranquila e razoável.

Minha mãe, que desgraçadamente deve ter sido a alcoviteira de tudo o que se passou, andava como que fugida e quase não aparecia na minha frente. Muito queima o fogo da verdade! Falava-me o menos possível, saía por uma porta quando eu entrava pela outra, e — coisa que nunca antes sucedera nem viria a suceder depois — dava-me a comida a horas; causa pena pensar que para andar em paz é necessário meter medo, mas minha mãe mostrava tal mansidão em tudo que até me chegou a meter nervos. Nunca a fiz falar acerca do que se passara com Lola; era um assunto entre nós dois e que só entre nós dois se podia resolver.

Um dia chamei Lola para lhe dizer: — Podes ficar tranquila.

— Por quê?

— Porque ninguém chamará a senhora Engrácia.

Lola ficou um momento pensativa, como uma garça. — És muito bom, Pascual.

— Sim; melhor do que pensas.

— E melhor do que eu.

— Não falemos disso! Com quem foi?

— Não perguntes!

— Prefiro saber, Lola!

— Mas tenho medo de dizer..

— Medo?

— Sim; de que o mates.

— Ama-o assim tanto?

— Não o amo.

— Então?

— O sangue parece ser o adubo da tua vida...

Aquelas palavras ficaram gravadas na cabeça como se fossem de fogo e gravadas a ferro morrerão comigo.

— E se te jurasse que nada se passaria?

— Não te acreditava.

— Por quê?

— Porque não poderia ser, Pascual; és homem!

— Graças a Deus; mas ainda tenho palavra...

Lola lançou-se nos meus braços.

— Daria anos da minha vida para que nada tivesse acontecido.

— Acredito.

— E para que tu me perdoasses...

— Perdoe-te, Lola. Mas tens de me dizer..

— Sim.

Estava pálida como nunca, como se estivesse amortalhada; via-se o medo estampado em seu rosto; um horrível medo de que a desgraça tivesse chegado com o meu regresso; agarrei-a pela cabeça, acariciei-a, falei-lhe com um carinho nunca usado pelo marido mais bondoso; apertei-a de encontro a mim, apiedado pelo que sofria mas, ao mesmo tempo, temendo vê-la desfalecer à minha pergunta.

Um ninho de lacraias se revolia em meu peito e em cada gota de sangue das minhas veias uma víbora me mordida a carne.

Saí de casa para procurar o assassino de minha mulher, aquele que desonorara minha irmã, o homem que mais fel lançara no meu peito; custou-me a encontrá-lo, de fugido que andava. O patife, mal teve notícia da minha chegada, bateu asas e durante quatro meses não apareceu em Almendralejo; comecei a procurá-lo por toda a parte, fui a casa da Nieves e vi Rosário. Como tinha mudado! Envelhecera, tinha o rosto cheio de rugas, umas olheiras muito fundas e o cabelo desbotado; metia pena olhar para ela e pensar em como tinha sido formosa.

— Quem é que procuras?

— Procuo um homem!

— Não é grande homem o que foge do inimigo.

— Não.

— Nem o que não aguarda uma visita que se espera.

— Onde está ele?

— Não sei! Foi embora ontem.

— Para onde?

— Não sei.

— Não sabes?

— Não.

— Tens certeza?

— Tanto como a de que agora é dia.

Parecia dizer a verdade; Rosário mostrou depois a sua dedicação quando deixou o Estirão e voltou para casa para cuidar de mim.

— Sabes se foi para muito longe?

— Não me disse nada.

Não houve outro remédio senão refrear a raiva que me consumia; fazer os infelizes pagarem o ódio que temos aos malandros não é coisa de homens.

— Sabias o que se passava?

— Sabia.

— E estavas tão calada?

— A quem haveria de contar?

Na verdade ela não tinha ninguém a quem contar aquilo; há coisas que nem a todos interessam, coisas que são para guardarmos connosco

mesmos, e arrastá-las como quem arrasta uma cruz ao cal vário. Não se pode dizer a toda a gente tudo quanto se passa connosco, porque a maioria das pessoas nem sequer saberia compreender-nos.

Rosário veio comigo.

— Não quero continuar aqui nem mais um dia; estou cansada.

E voltou para casa, tímida e como que assustada, humilde e trabalhadora como nunca a tinha visto; olhava-me com um carinho que nunca cheguei — e, ai de mim! o que é pior —, nunca chegarei a agradecer-lhe como ela o merecia. Tinha sempre uma camisa limpa para eu vestir, fazia com que o dinheiro chegasse para as despesas e guardava-me a comida quente se acaso eu me demorava. Dava gosto viver assim! Os dias passavam suavemente, as noites eram tranquilas como num convento e os maus pensamentos — que noutros tempos tanto me perseguiram — pareciam ter desaparecido para sempre. Que distantes me pareciam os maus dias que passara na Corunha! Como quase se me perdera na memória o caso das navalhas! A recordação de Lola, que tão profunda ferida deixara no meu coração, ia-se desvanecendo e o tempo passado ia ficando pouco a pouco esquecido, até que uma má estrela, essa estrela que parecia empenhada em me perseguir, quis, para minha perdição, ressuscitar em mim todo o passado.

Foi na taberna do Martinete; o menino Sebastião disse: — Viste o Estirão?

— Não, por quê?

— Por nada, dizem que anda por aí.

— Por aí?

— É o que dizem.

— Não estás a brincar?

— Homem, não fiques assim! Por que te enganaria? Assim como me disseram te digo eu.

Nem sequer tive tempo para ver o que havia de verdade naquelas palavras. Saí correndo para casa; ia como um raio, sem reparar onde punha os pés. Encontrei minha mãe na porta.

— A Rosário?

— Está lá dentro.

— Só?

— Sim, por quê?

Não respondi; fui direto à cozinha e encontrei-a mexendo panela.

— O Estirão?

Rosário pareceu sobressaltar-se; ergueu a cabeça e, calmamente, pelo

menos por fora, disse: — Por que me perguntas isso?

— Porque está aqui na terra.

— Aqui?

— Foi o que me disseram.

— Pois não passou por aqui.

— Tens certeza?

— Garanto. Juro.

Não era preciso jurar; era verdade; ainda não pusera os pés lá, embora daí a pouco aparecesse empertigado como um rei de espadas, arrogante como um faraó. Deu com a porta guardada por minha irmã.

— Pascual está?

— O que quer com ele?

— Nada; falar de um assunto.

— De um assunto?

— Sim; de um assunto que temos um com o outro.

— Entra. Está ali na cozinha.

O Estirão, sem tirar o chapéu da cabeça, entrou assobiando.

— Olá, Pascual!

— Olá, Paco! Tire o chapéu que estás em casa alheia.

O Estirão tirou o chapéu.

— Se assim o queres!

Queria aparentar calma e serenidade mas não conseguia: via-se que estava nervoso e contrafeito.

— Olá Rosário!

— Olá, Paco!

Minha irmã sorriu-lhe com um sorriso covarde que me enojou; ele também sorria, mas sua boca, ao sorrir, parecia ter perdido a cor.

— Sabes por que venho?

— Dirás.

— Venho buscar a Rosário!

— Já calculava. Rosário não levas, Estirão.

— Como? Não levo?

— Não.

— Quem é que me impede?

— Eu.

— Tu?

— Sim, eu! Ou será que te pareço pouca coisa?

— Não lá muita.

Naquele momento eu estava frio que nem um lagarto e podia medir bem todo o alcance dos meus atos. Apalpei a roupa que vestia, medi as

distâncias e, sem deixá-lo prosseguir para que não acontecesse o mesmo que da outra vez, atirei-lhe um banco na cara com tal força que o virei de costas e o deixei meio morto, caído sobre a chaminé. Tentou endireitar-se, abriu a navalha; no seu rosto assomou uma expressão de fogo, que espantava; tinha os ossos das costas quebrados e não podia se mexer. Agarrei-o, joguei-o lá fora, na estrada, e deixei-o.

— Estirão! Mataste minha mulher.

— Que era uma cabra!

— Fosse o que fosse, mas tu a mataste. Arrastaste minha irmã para a desonra.

— Bem desonrada já estava quando a conheci.

— Desonrada estava, mas tu acabaste de arrastá-la para a lama.

Queres calar-te agora? Vieste aqui para me provocar; eu não queria te tocar nem quebrar teus ossos.

— Um dia vão sarar, e nesse dia...

— Nesse dia, o quê?

— Dou dois tiros em ti, dois tiros como se fosses um cão raivoso.

— Repara que estás nas minhas mãos!

— Mas não és homem para me matar

— Não sou? Achas?

— Acho!

— Por que dizes isso? Muito valente te sentes.

— Ainda vai nascer o homem capaz disso.

Estava bravo, o rapaz.

— Queres ir embora?

— Vou, mas quando me der vontade!

— E vai ser agora!

— Entrega-me a Rosário!

— Não!

— Entrega-a, se não queres que te mate.

— Vai que já tens a tua conta.

— Não a deixas vir?

— Não!

O Estirão, fazendo um esforço enorme, tentou derrubar-me.

Agarrei-o pelo pescoço e atirei-o ao chão.

— Sai daqui.

— Não quero.

Agarramos um ao outro, tornei a derrubá-lo e, com um joelho no peito, confessei: — Não te mato porque prometi não te matar.

– A quem?

– A Lola.

– Então ela gostava de mim!

Era demasiada gabarolice. Apertei com mais força. A carne do peito fazia um ruído como se estivesse numa frigideira. Começou a pôr sangue pela boca. Quando me levantei, a cabeça dele caiu, sem forças, de lado.

Tiveram-me preso durante três anos, três longos anos, enormes como a dor, três anos que se ao princípio julguei que nunca mais acabariam, depois pensei que tinham sido um sonho; três anos a trabalhar, dia após dia, na oficina de sapateiro do presídio; a apanhar o sol no pátio, à hora dos recreios; a ver passar as horas com a alma ansiosa, as horas cuja conta — para minha desgraça — suspenderam antes do prazo, devido ao meu bom comportamento.

As poucas vezes que nesta vida me ocorreu não me portar demasiadamente mal, foi pena que esta fatalidade, essa má estrela que, como já disse, parece comprazer-se em me acompanhar, tivesse disposto as coisas de tal forma que a bondade não chegou para me servir a alma. Pior ainda: não só não serviu para nada, como até me desviou para piores caminhos. Se eu me tivesse portado mal, teria ficado na prisão de Chinchilla os vinte e oito anos a que me tinham condenado; teria apodrecido vivo como todos os presos, ter-me-ia aborrecido até enlouquecer, teria desesperado, teria amaldiçoado o que é divino, teria acabado por me consumir de todo, mas ali estaria a sofrer a minha pena, livre de novos delitos criminosos, preso e cativo — é bem verdade — mas com a cabeça tão direita como quando nasci, livre de mais culpas que não fossem as do primeiro crime; se não me tivesse portado nem bem nem mal, como todos pouco mais ou menos, os vinte e oito anos de pena ter-se-iam convertido em catorze ou dezasseis, minha mãe já teria morrido de morte natural quando eu conseguisse a liberdade, minha irmã Rosário já teria perdido a sua juventude, com a sua juventude a sua beleza, e com a sua beleza o seu perigo, e eu — este pobre, este desgraçado e vencido que tão pouca compaixão a Vossa Senhoria e à sociedade pode causar — teria saído manso que nem um cordeiro, provavelmente a salvo de tornar a cair noutra. A estas horas estaria talvez — quem o sabe? — a viver tranquilo em qualquer lado, dedicando-me a qualquer trabalho que me desse para comer, tratando de esquecer o passado para só pensar no futuro; talvez já tivesse conseguido tudo isso. Mas portei-me o melhor que pude, pus boa cara ao mau tempo, excedi-me no cumprimento do que me ordenavam, consegui apiedar a justiça, conquistei as boas informações do diretor e soltaram-me; abriram-me as portas; deixaram-me indefeso perante todo o mal, e disseram-me: — Cumpriste, Pascual; volta à luta, volta à vida, volta a suportar os outros, a

falar com todos, a conviver com toda a gente...

E, julgando que me faziam um favor, arruinaram-me para sempre.

A primeira vez que escrevi este capítulo — e os dois que se seguem — não me tinham ocorrido estas filosofias; mas me roubaram (e ainda não compreendi o porquê), embora a Vossa Senhoria isto possa parecer tão estranho que me não acredite e eu, por um lado, entristecido com esse procedimento sem justificação que tanta dor me causa, por outro lado, aborrecido com a repetição que me obriga a um esforço de memória e me tira as ideias, resolvi contar as coisas conforme a pena vai correndo: e como não considero uma penitência o fato de contrariar a minha vontade — e já bastantes penitências tenho, não para as minhas muitas culpas, mas para a minha fraqueza de espírito — aqui deixo estes capítulos (que tornei a escrever) frescos como me saíram e para que Vossa Senhoria os considere como entender.

Quando saí em liberdade, encontrei o campo mais triste, muito mais triste do que supusera.

Quando estava preso, imaginava-o — vá lá saber-se porquê — verde e viçoso como os prados, fértil e formoso como as searas, com os camponeses afanosamente entregues ao seu labor, trabalhando alegres de sol a sol, cantando com a botija de vinho à cintura e a cabeça vazia de maus pensamentos... Afinal fui encontrá-lo deserto e triste como os cemitérios, desabitado e só como uma ermida distante no dia seguinte ao da festa da Padroeira.. Chinchilla é uma terra ruim como todas as terras camponesas, abatida por uma profunda tristeza, cinzenta e macilenta como todas as povoações onde a gente não assoma aos postigos. Só ali estive o tempo necessário para tomar o comboio que havia de me levar à terra; à terra que voltaria outra vez a encontrar no mesmo sítio; à minha casa que resplandecia ao sol como se fosse uma joia; à minha família que só mais tarde me esperava e que não imaginava que tão depressa eu havia de estar ali com eles; à minha mãe a quem três anos depois Deus havia de dar paz; à minha irmã, à minha querida irmã, à minha santa irmã que ao ver-me iria pular de alegria.

O comboio demorou, demorou muitas horas. Fiquei até admirado que um homem que tantas e tantas horas esperara a liberdade se sentisse impaciente com um atraso de mais hora menos hora; a verdade é que me impacientava, quase perdia a cabeça e esperava o comboio como quem aguarda um negócio importante. Andei para trás e para diante na estação, fui à cantina, passei num campo que havia ali próximo. Nada; o comboio

não chegava; andava tão longe que nem se quer se ouvia. Recordava o Presídio, que se via ao longe, por detrás do edifício da estação; parecia deserto, mas estava a abarrotar, guardando dentro de si uma quantidade de desgraçados, cujas vidas dariam para encher tantas centenas de páginas quantos eles eram. Recordava o Director, na última vez em que o vira; era um velhote calvo, com um bigode branco e uns olhos azuis Da Mancha. (N. do T.) como o céu; chamava-se D. Conrado. Queria-lhe como a um pai e estava-lhe agradecido pelas muitas palavras de consolo que — em tantas ocasiões — para mim tivera. A última vez em que o vi foi no seu gabinete, aonde me mandara chamar

— Dá licença, D. Conrado?

— Entra, filho.

Asua voz já um pouco arrastada, em virtude da idade e dos achaques, quando nos chamava <filhos> parecia enternecer-se mais e como que tremia ao passar-lhe pelos lábios. Mandou-me sentar no outro lado da mesa; estendeu-me a tabaqueira de pele de cabra e tirou um livrinho de papel de fumar que me ofereceu também.

— Um cigarro?

— Obrigado, D. Conrado.

D. Conrado sorriu.

— Para falar contigo, o melhor é fazer muito fumo. Assim vê-se menos essa cara feia que tens.

Soltou uma gargalhada, uma gargalhada que terminou por um ataque de tosse que quase o sufocou e o deixou inchado e vermelho que nem um tomate. Abriu uma gaveta e tirou dois copos e uma garrafa de aguardente. Sobressaltei-me; sempre me tinha tratado bem — é certo — mas nunca como naquele dia.

— O que há, D. Conrado?

— Nada, filho, nada. Anda, bebe pela tua liberdade!

Atosse tornou a acometê-lo. Eu ia perguntar: — Pela minha liberdade?

Mas ele fazia sinais com a mão para que me calasse. Desta vez foi ao contrário; a tosse terminou em riso.

— Sim. Todos os patifórios têm sorte!

E ria, cheio de gozo por poder dar a notícia, feliz por poder me pôr na rua. Pobre D. Conrado, como era bom! Se ele soubesse que o melhor que me podia ter acontecido era nunca ter saído dali! Quando voltei a Chinchilla, àquela mesma casa, foi o que ele me confessou com as lágrimas

nos olhos, naqueles olhos que eram só um pouco mais azuis do que as lágrimas.

— Bem, agora sério! Lê.

Pôs-me ordem de soltura em frente dos olhos. Eu nem queria acreditar.

— Já leste?

— Já, sim senhor.

Abriu uma pasta e tirou dois papéis iguais.

— Toma, é para ti; com isto podes andar por onde quiseres. Assina aqui; mas sem borrares.

Dobrei o papel e meti-o na carteira. Estava livre! O que naquele momento se passou em mim nem o sei explicar. D. Conrado pôs-se grave; fez-me um sermão sobre a honradez e os bons costumes, deu-me alguns conselhos sobre os impulsos, conselhos que se os tivesse tido presentes me teriam evitado mais do que um grande desgosto, e quando terminou, como que em fim de festa, entregou-me vinte e cinco pesetas em nome da Junta das Senhoras Regeneradoras de Presos, instituição de beneficência que se formara em Madrid para nos auxiliar.

Tocou uma campainha e apareceu um guarda. D. Conrado estendeu-me a mão.

— Adeus, filho. Que Deus te acompanhe!

Eu não cabia em mim de contente. Depois virou-se para o guarda: — Munoz, acompanhe este senhor até a porta. Mas antes leve-o à administração; vai receber por oito dias.

Não tornei a ver Munoz. D. Conrado, sim; vi-o três anos e meio mais tarde.

O comboio acabou por chegar; tarde ou cedo, tudo chega nesta vida, menos o perdão dos ofendidos que às vezes até parece que se compraz em se afastar. Subi para o meu compartimento e depois de andar aos tombos de um lado para o outro durante dia e meio, alcancei a estação que tão minha conhecida era e por cuja vista esperei ao longo de toda a viagem. Ninguém, absolutamente ninguém, senão Deus que está nas alturas, sabia que eu chegava; apesar disso — não sei porquê — houve momentos em que cheguei a imaginar a estação apinhada de gente cheia de alegria que me receberia com os braços no ar, agitando lenços, gritando o meu nome em grande vozearia.

Quando cheguei, cravou-se em meu coração um frio agudo como uma navalha. Na estação não estava ninguém. Era noite; o chefe, o senhor

Gregório, com a lanterna que tinha um lado verde e outro vermelho e a bandeirola espetada, deu o sinal de partida ao comboio.

Agora voltar-se-ia para mim, iria reconhecer-me e felicitar-me...

— Caramba, Pascual! Tu por aqui!

— Sim, senhor Gregório. Livre!

— Muito bem, sim senhor!

E sem fazer mais caso de mim, deu meia volta. Meteu-se dentro de casa. Quis gritar-lhe: — Livre, senhor Gregório! Deram-me a liberdade! Isto porque pensei que ele não tinha dado conta. Mas fiquei um momento parado e desisti. Subiu-me o sangue à cara e as lágrimas quase me saltaram dos olhos. A minha liberdade não interessava em nada ao senhor Gregório.

Saí da estação com o saco da bagagem às costas, desci por um caminho que ia ter à estrada e que me levava a casa sem ter necessidade de passar pela vila, e comecei a andar. Ia triste, muito triste; toda a minha alegria a matara o senhor Gregório com as suas tristes palavras e uma torrente de ideias funestas, de desgraçados presságios que em vão tentava afugentar, me atormentava a me mória. A noite estava clara, sem uma nuvem, e a Lua, como uma hóstia, estava cravada no meio do céu. Não queria pensar no frio que me invadia.

Um pouco mais adiante, à direita do caminho, lá estava o cemitério, no mesmo sítio onde o deixei, com o muro de adobe negro, o esguio cipreste que em nada tinha mudado, a coruja a piar pousada nos ramos. O cemitério onde meu pai descansava a sua fúria, Mário a sua inocência, minha mulher o seu abandono e o Estirão a sua gabarolice. O cemitério onde apodreciam os restos dos meus dois filhos, do abortado e de Pascualzinho que, nos onze meses em que vivera, fora tal qual um sol. Davam-me medo chegar à vila assim, só, de noite, e ter de passar primeiro pelo campo santo! Parecia que a Providência se comprazia em mo pôr diante dos olhos, para me forçar a meditar no pouco que somos! A minha sombra seguia à frente, comprida, comprida como um fantasma, ora pegada ao chão, seguindo o terreno, ora estendendo-se a direito sobre o caminho, ora subindo o muro do cemitério como se quisesse espreitar lá para dentro. Comecei a correr; a sombra também corria. Parei; a sombra também parou. Olhei para o firmamento; não se via em redor uma só nuvem. A sombra havia de me acompanhar, passo a passo, até eu chegar a casa. Senti medo, um medo inexplicável; imaginei os mortos a saírem das covas e a olharem-me com as órbitas vazias. Não me atrevia a levantar a cabeça; apressei o passo; o corpo parecia-me mais leve; e o saco também. Naquele momento sentia-me com mais força do que nunca.

Desatei a correr que nem um cão acossado; corria, corria como um louco, como um cavalo que toma o freio nos dentes, como um possesso. Cheguei a casa já sem forças; não poderia dar um passo mais.

Pus o baú no chão e sentei-me nele. Não se ouvia nenhum ruído; Rosário e minha mãe deviam estar a dormir, completamente alheias à minha chegada, à minha liberdade, sem suspeitarem que eu estava ali, a poucos passos delas. Quem sabe se minha irmã, ao deitar-se, não teria rezado uma salve-rainha — a oração de que mais gostava — para que me soltassem! Quem sabe se àquelas horas não estaria a sonhar, entristecida, com a minha desgraça, imaginando-me deitado nas tábuas do catre e com a memória posta nela que foi o único afeto sincero que em toda a minha vida tive. Se calhar agitava-a um pesadelo. E eu estava ali, estava já ali, livre, são que nem um pero, pronto para recomeçar, para a consolar, para a animar, para receber o seu sorriso.

Não sabia o que fazer; pensei em bater à porta.

Assustar-se-iam; ninguém bate à porta àquelas horas. Talvez nem se atrevessem a abrir. Mas também não podia continuar ali, nem era possível esperar, sentado em cima do baú, que amanhecesse...

Na estrada vinham dois homens a falar em voz alta; iam distraídos, como quem segue bem disposto; vinham de Almendralejo, talvez de ao pé das noivas. Imediatamente os reconheci: eram o Leão, o irmão do Martinete, e o menino Sebastião. Escondi-me; não sei porquê, mas vê-los assustava-me. Passaram mesmo junto da casa, muito perto de mim; a conversa deles era bem clara. — Viste o que se passou com o Pascual?!

— Não fez mais do que qualquer de nós teria feito.

— Defender a mulher.

— Claro.

— Agora está em Chinchilla, a mais de um dia de comboio, já vai para três anos...

Senti uma profunda alegria; como um raio, passou-me pela cabeça a ideia de lhes aparecer na frente, de lhes dar um abraço... Mas preferi não o fazer; na prisão tornaram-me mais calmo, tiraram-me os impulsos...

Esperei que se afastassem. Quando os calculei já suficientemente distantes, saltei da valeta e dirigi-me de novo para a porta. Lá estava a minha bagagem; não a tinham visto. Se a tivessem visto ter-se-iam aproximado e eu seria forçado a aparecer para lhes explicar; teriam pensado que me escondia, que estava a ouvi-los... Não quis pensar mais no caso; aproximei-me da porta e bati duas pancadas. Ninguém me respondeu;

esperei alguns minutos. Nada. Voltei a bater, mas desta vez com mais força. Lá dentro, acenderam uma candeia.

— Quem é?

— Sou eu!

— Quem?

Era a voz de minha mãe. Senti alegria ao ouvi-la — para que mentir?

— Eu, o Pascual.

— O Pascual?

— Sim, mãe. O Pascual!

Abriu-me a porta; à luz da candeia parecia uma bruxa.

— Que queres?

— O que quero?

— Sim.

— Entrar. O que é que mais quereria?

Estava estranha. Por que me trataria assim?

— O que é que vossemecê tem, mãe?

— Nada; por quê?

— Parece que ficou pasma.

Estou quase a afirmar que minha mãe preferiria não me ter visto. Os ódios dos outros tempos pareciam querer de novo dominar-me. Eu esforçava-me por afugentá-los de mim, por deitá-los para longe.

— E a Rosário?

— Foi embora.

— Foi embora?

— Foi.

— Para onde?

— Para Almendralejo.

Assim que soube do meu regresso, Rosário foi ver-me.

— Soube ontem que tinhas voltado. Nem calculas como fiquei contente! Como me era grato ouvir as suas palavras! .

— Eu sei, Rosário; calculo. Também estava ansioso por tornar a verte.

Parecíamos dois namorados, ou como se nos tivéssemos conhecido há dez minutos. Ambos fazíamos esforços para que o encontro parecesse natural. Só para dizer qualquer coisa, ao fim de alguns instantes, perguntei:

— Como foi isso de te ires embora? — Ora.

— Estavas assim tão farta? — Bastante.

— E não podias esperar por mim? — Não quis.

Procurou dar um ar de brincadeira à questão: — Não me apetecia passar mais misérias.

Depois explicou-se; a pobre passara muito.

— Não falemos nisso, Pascual.

Rosário sorria com o seu sorriso de sempre, aquele sorriso triste e abatido que têm os desgraçados de bom coração.

— Falemos de outra coisa. Sabes que te arranjei uma noiva? — A mim? — Sim.

— Uma noiva? — Sim, homem. Porque te espantas? — Não. Acho esquisito. Quem é que me quer? — Qualquer rapariga. Não te quero eu, também? Aquela confissão de carinho de minha irmã, embora já a soubesse, agradava-me; e a sua preocupação em me arranjar uma noiva, também. Veja Vossa Senhoria o que as coisas são! — E quem é? — A sobrinha da senhora Engrácia.

— A Esperança? — Sim.

— Bonita rapariga! — E já gostava de ti mesmo antes de tu casares.

— Mas estava bem calada! — Que queres? Cada um é como é! — E tu que lhe disseste? — Nada; que havias de voltar um dia.

— E voltei.

— Graças a Deus! A noiva que Rosário me tinha arranjado era realmente uma linda mulher. Não tinha o tipo da Lola; era assim como que o meio termo entre ela e a mulher do Estevez, e também um pouco parecida — olhando-a bem — com o tipo da minha irmã. Andaria, então, pelos trinta ou trinta e dois anos, que não se lhe notavam, pois tinha um aspecto bastante jovem e estava muito bem conservada. Era muito religiosa e muito

dada às coisas místicas, o que era raro naquelas nossas terras, e encarava a vida como os ciganos, com o pensamento sempre posto no que constantemente dizia: — Para que havemos de variar? Já está escrito! Vivia no monte com a tia, a senhora Engrácia, irmã de seu defunto pai, e ficara órfã de pai e mãe ainda em criança; e como era dócil e tímida, ninguém podia dizer que a tivesse visto ou ouvido discutir com alguém e muito menos com sua tia, a quem tinha muito respeito. Era asseada como poucas e tinha a pele da cor das maçãs; quando, pouco tempo depois chegou a ser minha mulher — minha segunda mulher — implantou lá em casa tal ordem que ninguém reconheceria o nosso antigo casebre.

A primeira vez que tocamos no assunto, a coisa não deixou de ser violenta para os dois; sabíamos ambos o que iríamos dizer, ambos nos olhávamos furtivamente como que a espiar os movimentos um do outro. Estávamos sós, mas era o mesmo; sós continuávamos, ia para uma hora, e cada instante que passava nos parecia tornar mais difícil as palavras. Foi ela quem rompeu fogo: — Vem mais gordo.

— Talvez.

— E com melhor cara.

— Dizem isso.

Eu fazia esforços para me mostrar amável e falador, mas não o conseguia; estava meio tonto, como que esmagado por um peso que me sufocava, mas disso me recordo como de uma das impressões que mais pena me causou ter perdido.

— Como é a terra lá?

— Ruim.

Ela estava pensativa. Quem sabe no que estaria pensando?

— Lembravas muito de Lola?

— Às vezes. Para que mentir? Como ficava o dia todo pensando, lembrava-me de todos. Até do Estirão! Esperança estava levemente pálida.

— Alegra-me muito que tenhas vindo.

— Sim, Esperança, e eu também me alegro por me teres esperado.

— Por te ter esperado?

— Sim, então não estavas à minha espera?

— Quem é que te disse?

— Ora essa, tudo se sabe!

Tremia-lhe a voz e a sua ternura quase me contagiou: — Foi a Rosário?

— Foi. E que mal tem?

— Nenhum.

As lágrimas assomaram-lhe aos olhos.

– Que terás pensado de mim?

– Que querias que pensasse? Nada!

Aproximei-me dela devagar e beijei-lhe as mãos. Ela deixava-se

beijar.

– Estou livre como tu, Esperança. Tão livre como quando tinha

vinte anos.

Esperança me olhava timidamente.

– Não sou velho; tenho de pensar em viver.

– Sim.

– Em arranjar trabalho, a minha casa, a minha vida. É verdade que me esperavas?

– É.

– E por que não me dizes?

– Já te disse.

Era verdade; já tinha dito, mas eu sentia prazer em ouvi-la repetir.

– Diz outra vez.

Esperança corou que nem um pimento e voltou o rosto. Tinha a voz sumida e os lábios e as narinas tremiam-lhe como folhas abanadas pela brisa, como a penugem do pintassilgo que se sacode ao sol.

– Eu te esperava, Pascual. Todos os dias rezava para que voltasses depressa; Deus me ouviu.

Verdade.

Tornei a beijar-lhe as mãos. Sentia-me mole. Não me atrevia a beijá-la no rosto.

– Queres? Queres?

– Quero.

– Sabes o que ia dizer?

– Sei. Não continues.

De repente, ficou radiante como o amanhecer.

– Beija-me, Pascual.

A voz dela ficou velada e calma.

– Esperei muito.

Beijei-a ardentemente, intensamente, com um carinho e um respeito como nunca senti por nenhuma outra mulher, durante muito tempo, tanto que quando separamos as bocas, senti que um carinho mais fiel do que nunca surgira em mim.

Ja já para dois meses que nos tínhamos casado, quando observei que minha mãe continuava com as mesmas manhas que antes de eu ter estado preso. Fazia-me ferver o sangue com os seus gestos sempre ásperos e desabridos, com a sua conversa cortante e sempre cheia de intenções, com o tom de voz com que costumava falar-me, em falsete, e tão fingido como ela. À minha mulher, ainda que transigisse com ela — não tinha outro remédio —, não podia ver nem pintada e dissimulava tão mal a sua má vontade que Esperança, um dia em que se sentiu farta, pôs-me a questão de tal maneira que não vi outro caminho senão pôr terra no meio. "Pôr terra no meio" se diz quando duas pessoas se separam para duas localidades distantes, mas, vistas bem as coisas, também se pode dizer quando entre o chão que um pisa e outro dorme há vinte pés de altura.

Dei muitas voltas na cabeça com a ideia de emigrar; pensei na Corunha, em Madri ou em mais perto, na capital da província, mas o caso é que não sei se por covardia, se por falta de decisão — fui adiando a coisa, adiando, até que, quando resolvi partir sem nada, a não ser comigo mesmo e as minhas recordações, quis pôr terra no meio... A terra que não foi suficientemente grande para afugentar a minha culpa... A terra que não teve largura nem comprimento suficientes para desaparecer perante o clamor da minha própria consciência... Queria pôr terra entre mim e a minha sombra, entre mim e o meu nome e as minhas recordações...

Há momentos em que mais vale uma pessoa calar-se como um morto, desaparecer de repente como que tragado pela terra, desfazer-se no ar como uma baforada de fumo... Momentos que não se conseguem, mas que se chegássemos a consegui-los nos transformariam em anjos, evitariam que continuássemos ligados ao crime e ao pecado e nos libertariam deste lastro de carne contaminada, da qual, posso assegurar-lhe, não voltáramos a recordar-nos — tal horror lhe ganhamos — a não ser que alguém se preocupe em nos atirar com as suas escórias para nos ferir o olfato da alma... Nada fede tanto e tão mal como a lepra que o passado deixa na consciência, como a dor de não sair do mal, deixando apodrecer este rosário de esperanças mortas que é a nossa vida.

A ideia da morte chega sempre com passos de lobo, com um andar de cobra, como os piores pensamentos. As ideias que nos transtornam nunca chegam de repente; o que é repentino arrasta-nos por uns momentos, mas

deixa-nos, quando se vai, largos anos de vida. Os pensamentos que nos enlouquecem com a pior das loucuras, a da tristeza, chegam sempre aos poucos e sem darmos por isso, como a tísica invade os peitos e a neve os campos. Avança, fatal, incansável, mas lenta, vagarosa, regular como o pulso. Hoje não a notamos; talvez nem mesmo amanhã, nem depois de amanhã nem durante um mês inteiro. Mas passa esse mês e começamos a sentir a comida amarga e dolorosa toda a recordação; já estamos contaminados. Com o decorrer dos dias e das noites vamos ficando insociáveis, solitários; as ideias fervem-nos na cabeça, as ideias que vão fazer com que nos cortem a cabeça, talvez para que não continue tão atrozmente a trabalhar. Podemos mesmo passar assim semanas inteiras; os que nos rodeiam já se acostumaram à nossa segura e já nem sequer estranham a nossa estranha maneira de ser. Mas um dia o mal cresce, como as árvores, e torna-se imenso, e já não saudamos as pessoas; e voltam a sentir-se como seres esquisitos ou enamorados. Vamos enfraquecendo, enfraquecendo e a nossa barba hirsuta é cada vez mais rala. Começamos a sentir um ódio que nos mata; já não aguentamos que nos olhem; dói-nos a consciência, mas — não importa! — antes assim. Ardem — nos os olhos que se enchem de uma água venenosa quando olhamos fixamente. O inimigo vê a nossa atenção, mas está confiado; o instinto não mente. A desgraça é alegre acolhedora e sentimos prazer em deixar arrastar os nossos sentimentos. Quando fugimos como as corças, quando o ódio sobressalta os nossos sonhos, já estamos minados pelo mal; já não há solução, não há arranjo possível. Começamos a cair, a cair vertiginosamente para não nos tornarmos a levantar. Talvez para nos levantarmos um pouco na última hora, antes de a cabeça nos cair no inferno. É uma má coisa.

Minha mãe sentia uma insistente satisfação em tentar-me a mim, em quem o mal ia crescendo como as moscas quando pressentem o cheiro dos mortos. Abílis que traguei envenenou-me o coração e tão maus pensamentos cheguei então a albergar que acabei por me assustar com a minha própria coragem. Nem queria vê-la; os dias passavam iguais, com a mesma dor a rasgar-me as entranhas, com os mesmos presságios de tormenta a enevoarem-me a vista.

No dia em que decidi fazer uso da navalha, estava já tão oprimido, tão certo de que o mal só podia resolver-se com sangue, que não me aterrorizou, nem um momento, a ideia de matar minha mãe. Era uma coisa fatal que acabaria por vir e veio, que tinha de cumprir e que, mesmo que o

quisesse, não podia evitar, porque me parecia impossível mudar de opinião, voltar atrás, evitar aquilo por que daria agora uma das minhas mãos para que não tivesse acontecido, mas que naquele momento me dava um estranho gozo em provocar com o mesmo cálculo e a mesma meditação com que um lavrador pensa nas suas searas.

Tudo estava bem preparado; passei muitas noites a pensar no mesmo para me abalançar, para ganhar forças; afiei a navalha, aquela navalha de fino gume que parecia uma folha de milho, com o seu cabo de osso. Só faltava marcar a data e, em seguida, não titubear, não voltar atrás, chegar ao fim custasse o que custasse, manter a calma. e depois ferir, ferir sem pena, rapidamente, e fu gir, fugir para muito longe, para a Corunha, fugir para onde ninguém o soubesse, para onde me permitissem viver em paz e esperar que todos me esquecessem, que o esquecimento me deixasse voltar para de novo começar a viver. Não me pesaria a consciência; não havia motivos para isso. A consciência só pesa quando se pratica uma injustiça: bater numa criança, matar uma pomba. Mas daqueles atos a que nos conduz o ódio, para os quais vamos como que adormecidos por uma ideia que nos domina, não temos de nos arrepender.

Foi no dia 12 de fevereiro de 1922. Naquele ano, o dia 12 de Fevereiro calhou a uma sexta-feira. O tempo estava claro, como acontece geralmente naquelas paragens; o Sol inundava tudo de luz e pareceu-me ter visto naquele dia mais crianças a brincar na praça. Pensei e repensei no assunto, mas procurei vencer-me e consegui; voltar atrás teria sido impossível, teria sido fatal para mim, ter-me-ia conduzido à morte ou, quem sabe?, talvez ao suicídio. Acabaria por me deitar ao Guadiana ou para debaixo das rodas do comboio. Não, não era possível recuar, tinha de continuar para a frente, sempre para a frente, até o fim. Era já uma questão de amor-próprio.

Minha mulher deve ter notado qualquer coisa em mim.

— Que vais fazer?

— Nada; por quê?

— Não sei; parece que te acho estranho.

— Besteira!

Beije-i-a para tranquilizá-la; foi o último beijo que lhe dei. Como eu estava longe de saber disso! Se soubesse talvez me assustasse.

— Por que me beijas?

Afastou-se de mim de repente.

— Por que não beijaria?

As suas palavras muito me fizeram pensar. Era como se ela soubesse tudo o que ia acontecer.



O sol se pôs no mesmo lugar de todos os dias. Veio a noite. ceamos. elas foram deitar-se. Eu fiquei, como sempre, gato do borralho. Já havia algum tempo que não ia à taberna do Martinete.

Tinha chegado a ocasião, a ocasião que eu esperara durante tanto tempo. Tinha de fazer das tripas coração, acabar com aquilo o mais depressa possível. A noite é curta e era durante a noite que tudo tinha de acabar; ao amanhecer, eu já deveria estar a muitas léguas da povoação.

Fiquei à escuta durante algum tempo. Não se ouvia nada. Fui ao quarto de minha mulher; estava a dormir e deixei-a continuar o seu sono. Minha mãe dormia também com certeza. Voltei à cozinha; descalcei-me; as pedras frias do chão cravaram-se nos meu pés; abri a navalha que brilhou à chama da lareira como um sol.

Ela ali estava, deitada sob os cobertores, com a cara enterrada na almofada. Só me restava lançar-me sobre o seu corpo e anavalhá-la. Nem se mexeria; não lhe daria tempo para soltar um só grito. Estava-me já ao alcance da mão e ferrada no sono, alheia a tudo — meu Deus! como os assassinados andam sempre distantes da sua sorte!a tudo o que se ia passar. Queria decidir-me, mas não o conseguia; levantava o braço, mas tornava a deixá-lo cair.

Pensei em fechar os olhos e ferir, mas não podia ser; ferir assim às cegas é o mesmo que não ferir, é expormo-nos a acertar no vácuo. Tinha de conservar a serenidade, recuperar a serenidade que me parecia começar a perder perante o corpo de minha mãe. O tempo ia passando e eu continuava ali, sem me mexer, parado como uma estátua, sem me decidir a acabar com aquilo. Não me atrevia; depois, sempre era minha mãe, a mulher que me tinha posto nesta vida e a quem só por isso eu devia perdoar. Não; não podia perdoar-lhe só por me ter dado a vida, por me ter parido. Com isso não me tinha feito nenhum favor, absolutamente nenhum. Não havia tempo a perder. Tinha de me decidir de vez. Houve momentos em que

cheguei a estar de pé, como que adormecido, com a navalha na mão, como se fosse a imagem do crime. Procurava vencer-me, recuperar as forças, concentrá-las. Queimava-me o desejo de acabar depressa, rapidamente, e sair a correr, até cair rendido em qualquer sítio. Estava a esgotar-me; havia já uma hora que ali estava a seu lado, como que a guardá-la, como que velando o seu sono. E tinha ido ali para a matar, para a eliminar, para lhe tirar a vida à navalhada.

Talvez um outra hora se tivesse passado. Não; definitivamente, não. Não podia; era qualquer coisa superior às minhas forças; qualquer coisa que me revolvia o sangue. Pensei em fugir. Mas se calhar ia fazer barulho ao sair; ela acordaria e reconhecer-me-ia. Mas também não podia fugir; era o caminho da ruína. Não havia outra solução senão atacar, atacar sem piedade, depressa, para acabar o mais rapidamente possível. Era como se estivesse metido num lodaçal em que me afundava, pouco a pouco, sem qualquer remédio, sem qualquer saída. O lodo chegava-me ao pescoço. Ia morrer afogado como um gato. Era-me completamente impossível matá-la, estava como que paralisado.

Virei-me para me ir embora. O chão rangia. Minha mãe revolveu-se na cama.

— Quem está aí?

Então sim, já não havia outra solução. Lancei-me sobre ela e subjugué-a. Forcejou, tentou escapar-se. Houve um momento em que me teve agarrado o pescoço. Gritava que nem uma condenada. Lutamos; foi a luta mais horrível que Vossa Senhoria pode imaginar. Rugíamos como feras, a baba escorria-nos da boca. Numa das voltas que dei vi minha mulher; estava branca como uma morta, parada junto da porta sem se atrever a entrar. Trazia uma candeia na mão, uma candeia cuja luz me deixou ver a cara de minha mãe, pálida como o hábito de um nazareno. Continuávamos a lutar; fiquei com a roupa rasgada e o peito descoberto. A desgraçada tinha mais força que um demônio. Tive de fazer uso de todas as minhas energias de homem para a subjugar. Quinze vezes a subjugara, quinze vezes me escaparia. Arranhava-me, mordida-me, ferrava-me pontapés e socos. Num dado momento, deu-me uma dentada num peito — o esquerdo — e arrancou-me o bico. Foi nesse momento que pude enterrar-lhe a navalha na garganta.

O sangue corria em golfadas e salpicava meu rosto cara. Vinha quente como um ventre e tinha o mesmo sabor que o sangue dos cordeiros.

Larguei-a e fugi. Choquei-me com minha mulher; apaguei-lhe a

candeia. Alcancei o campo e corri, corri sem descanso, horas sem fim. O campo estava fresco e dava-me uma sensação de alívio que me inundava as veias. Podia respirar.

OUTRA NOTA DO TRANSCRITOR

Até aqui foram as folhas manuscritas de Pascual Duarte. Se o mataram logo em seguida ou se ainda teve tempo de escrever mais algumas das suas proezas e essas folhas se perderam, é uma coisa que, por mais que tenha feito, não consegui esclarecer.

O licenciado D. Benigno Bonilla, dono da farmácia de Almendralejo, na qual, como já disse, encontrei o que atrás transcrevi, deu-me todas as facilidades para continuar a busca. Dei volta à botica como quem vira umas peúgas; até procurei dentro dos boiões de porcelana, atrás dos frascos, por cima — e por baixo — dos armários, na caixa do bicarbonato. Aprendi lindos nomes — unguento do filho Zacarias, do boeiro e do cocheiro, de pez e resina, de pão de porco, bagas de loureiro, da Caridade, contra a comichão do gado lanígero —, tossi com a mostarda, tive vômitos com a valeriana, choraram-me os olhos com o amoníaco, mas por mais voltas que desse e por mais padre-nossos que rezasse a Santo Antônio para que me pusesse ao alcance das mãos mais folhas manuscritas, elas não deviam existir porque não as encontrei.

É uma contrariedade — e não pequena — esta falta absoluta de dados sobre os últimos anos de Pascual Duarte. Por um cálculo, não muito difícil, o que parece evidente é que voltou ao Cárcere de Chinchilla (isso se infere das suas próprias palavras), onde deve ter estado até o ano de 1935 ou talvez de 1936. Mas parece que dali saiu quando começou a guerra civil. Sobre a sua atividade durante os quinze dias de revolução que se deram na sua terra é humanamente impossível averiguar qualquer coisa; à exceção do assassinato do senhor González de la Riva — de que o nosso personagem foi autor convicto e confesso — nada mais, absolutamente nada mais pudemos saber e, mesmo quanto ao seu crime, apenas sabemos o irreparável e evidente, mas ignoramos, porque Pascual fechou a boca quando lhe deu na gana, quais os motivos e os impulsos que o acometeram. Se a sua execução tivesse demorado mais algum tempo, talvez que ele tivesse prolongado as suas memórias até este ponto e houvesse tratado do assunto com maior amplidão; mas a verdade é que, como isso não aconteceu, a lacuna que aparece no final dos seus dias só poderia ser tomada como uma coisa de conto ou romance popular, solução que aliás repugna à veracidade desta narrativa.

A carta de P. D. a D. Joaquim Barrera deve ter sido escrita ao mesmo tempo que os capítulos XII e XIII, os dois únicos em que empregou tinta clara, idêntica à da carta ao citado senhor, o que demonstra que Pascual não suspendeu definitivamente, como disse, o seu relato, mas apenas que preparou a carta com todo o cálculo, para que a mesma fizesse efeito a seu devido tempo, precaução que nos apresenta o nosso personagem não tão esquecido nem atabalhoado como à primeira vista poderia parecer. O que está inteiramente explicado, porque assim nos disse o cabo da Guarda Civil, César Martin, que foi quem recebeu o encargo, é a forma como as folhas manuscritas passaram do Cárcere de Badajoz para a casa do senhor Barrera, em Mérida.

No meu afã de aclarar o mais possível os últimos momentos do personagem, dirigi-me por escrito a D. Santiago Luruena, ex-capelão do cárcere e hoje pároco de Magacela (Badajoz) e a César Martin, ex-cabo da Guarda Civil do cárcere e hoje cabo-comandante de La Tlecilla (Leão), pessoas que, pelo seu ofício, estiveram junto do criminoso quando lhe coube pagar as suas dívidas à justiça.

Eis as cartas:

Magacela (Badajoz), 9 de janeiro de 1942

Ex. mo Senhor Acabo de receber, com evidente atraso, a sua prezada carta de 18 do passado mês de Dezembro e as 359 folhas escritas à máquina contendo as memórias do desgraçado Pascual Duarte. Tudo me foi remetido por D. David Freire Angelo, atual capelão do Cárcere de Badajoz e companheiro deste seu servidor nos anos juvenis passados no Seminário de Salamanca. Quero tranquilizar a minha consciência escrevendo aqui estas palavras e deixando para amanhã, se Deus quiser, a continuação, depois de ter lido, seguindo as suas instruções e a minha curiosidade, as folhas que me acompanham.

(Dia 10) Acabo de ler, de um fôlego, embora — segundo Heródoto — não seja esta a maneira nobre de leitura, as confissões de Pascual Duarte e não pode V. Ex. a fazer uma ideia da impressão profunda que deixaram no meu espírito, do fundo sulco que imprimiram na minha alma. Para quem, como eu, recolheu as suas últimas palavras de arrependimento com a mesma alegria com que o lavrador colhe a sua mais bela seara, não deixa de ser uma forte emoção a leitura daquele escrito de um homem que, talvez para a maioria das pessoas, era uma hiena (como eu próprio julguei quando pela primeira vez o vi na sua cela), mas que no fundo da sua alma era apenas um cordeiro manso, encurralado e assustado com a vida.

A sua morte foi de uma exemplar preparação e, somente à última hora, ao faltar-lhe a presença de ânimo, se descontrolou um pouco, o que fez com que o seu espírito sofresse, ele que soubera sempre arrogar-se de valente.

Dispôs a sua alma com um aprumo e uma serenidade que me deixaram pasmado e, na frente de todos, quando o levaram para o pátio das execuções, pronunciou um <<cumpra-se a vontade do Senhor! que nos deixou maravilhados com tão edificante humildade. Foi uma pena que o inimigo lhe roubasse os seus últimos instantes, porque, se assim não fosse, estou certo de que a sua morte seria tomada como santa! Mas (até o momento em que, como digo, perdeu o domínio de si próprio) foi um exemplo para todos nós que a presenciamos e para o meu doce ministério de levar a paz às almas foi-me de muito proveitosas consequências. Que Deus o tenha acolhido no seu santo seio.

Queira receber, senhor, a prova do mais sincero afeto e os cumprimentos que lhe envia o seu humilde

S. Luruena, Presbítero

*P. S. — Lamento não poder satisfazer o desejo de lhe enviar a fotografia pedida e não sei mesmo o que possa aconselhar-lhe a fim de a obter.
(Conforme a cópia)*

La Vecilla (Leão), 12-1-42

Ex. mo Senhor

Acuso a recepção da sua prezada carta de 18 de dezembro e desejo que neste momento V. Senhoria se encontre de tão boa saúde como na data da mesma. Eu bem — graças a Deus — ainda que cada vez mais teso que nem um pau, neste clima que não é para desejar nem ao pior dos inimigos. E agora passo a informá-lo do que me pede, já que não vejo que haja qualquer motivo de serviço que me impeça a isso, pois que se o houvesse V. Senhoria dispensar-me-ia de o fazer. Do tal Pascual Duarte de que me fala bem me recordo, pois foi o preso mais célebre que tivemos à nossa guarda e durante muito tempo; do seu juízo não seria eu a dar fé nem que me oferecessem o Eldorado, pois tais coisas fazia que claramente testemunhavam a sua enfermidade. Antes de confessar tudo se passou bem; mas quando se decidiu a falar, entraram-lhe escrúpulos e remorsos e quis pagá-los com penitência; o caso é que, às segundas-feiras, dia em que tinha morto a mãe, e às terças-feiras, porque era o dia em que assassinara o senhor conde de Torremejía, e às quartas-feiras, porque tinha morto não sei quem, o caso é que o desgraçado passava metade da semana voluntariamente sem meter qualquer coisa na boca, e tão depressa lhe mirravam as carnes que me

parece que não deve ter dado muito trabalho ao verdugo para lhe lançar a corda em volta do pescoço. O pobre desgraçado passava os dias a escrever, como que cheio de febre, e como não maçava ninguém e o Diretor tinha bom coração e nos tinha ordenado que lhe déssemos o que ele precisasse para escrever, o homem afincava-se e não esmorecia um só instante de escrever. Uma vez chamou-me, deu-me uma carta dentro de um envelope aberto (para que vossemecê a leia, se quiser, foi o que me disse) dirigida a D. Joaquim Barrera López, de Mérida, e disse-me num tom que nunca cheguei a saber se era de súplica ou de ordem: — Quando me levarem, guarde esta carta, junte-lhe este monte de papéis e entregue tudo a este senhor. Percebe? Depois, fitando-me nos olhos e pondo um tal mistério no olhar que até me senti varado, acrescentou: — Deus vai lhe pagar porque assim pedirei! Eu obedeci porque não vi nisso nenhum mal e porque sempre respeitei a vontade dos mortos.

Quanto à sua morte só lhe poderei dizer que foi completamente vulgar e desgraçada e, conquanto a princípio parecesse empertigado e tivesse dito diante de todos nós cumpra-se a vontade do Senhor!, que nos deixou embasbacados, depressa se esqueceu de manter a compostura. Quando avistou o patíbulo desmaiou e quando voltou a si gritava de tal maneira dizendo que não queria morrer e que não havia direito do que lhe faziam, que teve de ser levado de rastos até a forca. Aí beijou pela última vez o crucifixo que lhe mostrou o padre Santiago, que era o capelão do cárcere e mesmo um santo, e acabou os seus dias cuspendo e espermeando, sem cuidado nenhum pelos circundantes, e da maneira mais ruim e mais baixa com que um homem pode acabar; mostrando a toda a gente o seu medo à morte.

Peço-lhe que, se lhe for possível, me envie dois livros em vez de um quando estiverem impressos. O outro é para o nosso tenente que me informa que o pagará contra reembolso, se assim lhe parece bem.

Desejando ter-lhe sido útil, saúda-o

De V. Ex. Atenciosamente

César Martín

Recebi a sua carta com muito atraso e essa é a razão de haver tanta diferença nas datas das duas. A sua foi-me enviada de Badajoz e aí a recebi no dia 10, sábado passado, ou seja anteontem.

Que mais poderia eu acrescentar ao que fica dito por estes dois

senhores?

Madrid, janeiro de 1942

FIM